



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Bianca Nascimento de Matos

**ESPAÇO SAGRADO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: O CASO DA PRAÇA DOS
ORIXÁS, BRASÍLIA-DF.**

Brasília, fevereiro de 2021

BIANCA NASCIMENTO DE MATOS

**ESPAÇO SAGRADO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: O CASO DA PRAÇA DOS
ORIXÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Shadia Husseini de Araújo.

Brasília, fevereiro de 2021.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

BIANCA NASCIMENTO DE MATOS

**ESPAÇO SAGRADO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: O CASO DA PRAÇA DOS
ORIXÁS, BRASÍLIA – DF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia,
Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Shadia Hussein de Araújo

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Shadia Hussein de Araújo –
Orientadora GEA/IH/UnB

Profa. Dra. Glória Maria V. L. de Mesa –
Membro GEA/IH/UnB

Prof. Dr. Fernando Luiz A. Sobrinho –
Membro GEA/IH/UnB

Aprovado em 26 / 02 / 2021

Dedico este trabalho a Corina, minha mãe e amiga.

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha mãe Corina que sempre me apoiou e me ajudou em todos os momentos da minha vida. Sou profundamente grata a Dona Dora, grande amiga, por ter me auxiliado de diversas formas e acreditado em mim e também pelos sábios conselhos. Aos meus amigos que seguiram comigo nessa jornada (Raquel e Verônica) e também a todos os docentes que contribuíram com seus ensinamentos para a minha formação. Também agradeço aos religiosos pertencentes as religiões afro-brasileiras por terem contribuído com essa pesquisa através de relatos sobre suas percepções.

*Os grupos, as etnias e os povos existem por
sua referência a um território, real ou
sonhado, habitado ou perdido.*

(BONNEMAISON, 2002, p. 112)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o significado da Praça dos Orixás para os fiéis das religiões afro-brasileiras e também evidenciar os desafios vivenciados que prejudicam a infraestrutura e manutenção do espaço. A análise foi feita utilizando o método fenomenológico da Geografia da Religião que se baseia em parâmetros como a percepção e vivência dos fenômenos. Foram utilizadas entrevistas por pauta, técnica que permitiu evidenciar que a praça é percebida como espaço sagrado de grande força espiritual, porém, mesmo com todos os sentimentos positivos referentes a praça existe também os negativos, devido a falta de infraestrutura e depredações relacionadas à intolerância religiosa e racismo.

Palavras-chave: Praça dos Orixás. Fenomenologia. Espaço Sagrado. Percepção.

ABSTRACT

This study analyses the meaning of Praça dos Orixás to adherents of Afro-Brazilian religions and highlights the experienced challenges of neglected infrastructure and damage due to violent religious intolerance. The analysis is based on a phenomenological approach using concepts of perception, experience the sacred space, as well as on in-depth interviews. The results show that the Praça dos Orixás is perceived and experienced a sacred space of great spiritual power. However, despite all the positive feelings regarding this place, there are also negative ones, due to the lack of infrastructure and depredations that are related to religious intolerance and racism.

Keywords: Praça dos Orixás. Phenomenology. Sacred Space. Perception.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa de localização: Praça dos Orixás.....	12
Imagem 2 – Oferendas dispostas próximas ao pedestal do Orixá Exu.....	38
Imagem 3 – Oferendas feita a Orixá Iemanjá no dia 2 de fevereiro de 2020.....	39
Imagem 4 – Festa destinada a Iemanjá no dia 2 de fevereiro de 2020.....	40

LISTA DE SIGLAS

CCIR – Comissão de Combate a Intolerância Religiosa

DF – Distrito Federal

E – Entrevistado

GO – Goiás

NEER – *Núcleo de Estudos em Espaço e Representações*

NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura

NUPPER – Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SDHPR – Secretaria de Direitos Humanos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 TEORIA E METODOLOGIA.....	16
2.1 GEOGRAFIA DA RELIGIÃO	16
2.2 A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA	19
2.3 CONCEITO DE ESPAÇO SAGRADO.....	21
2.4 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E RACISMO	22
2.5 METODOLOGIA.....	25
3 A DIÁSPORA AFRICANA E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS	28
3.1 A DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL	28
3.2 RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS	32
3.3 RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO DISTRITO FEDERAL.....	34
4 RESULTADOS.....	36
4.1 ESPAÇO SAGRADO AFRO-BRASILEIRO EM BRASÍLIA	36
4.2 ESPAÇO SAGRADO VIOLADO (UM OLHAR AFRO-BRASILEIRO: A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA).....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS	55
ANEXOS “A” – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	56
ANEXOS “B” – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	56

1 INTRODUÇÃO

A Praça dos Orixás localiza-se na “Prainha”, no Lago Paranoá, próxima a ponte Costa e Silva, conforme o mapa 1 (Mapa de localização), abaixo. O local é um dos patrimônios materiais do Distrito Federal (DF) porque representa um espaço de reverência cultural a religiosidade afro-brasileira, no território brasiliense, tomando forma de maneira mais expressiva durante a Festa de Iemanjá na virada do ano.



A escolha deste tema tem como justificativa dar uma maior visibilidade aos poucos espaços públicos dentro de Brasília direcionados a valorização da cultura africana, de saberes afro-brasileiros que se reafirmam por meio de práticas ancestrais que resistem ao tempo.

Os crimes contra locais sagrados voltados as religiões afro-brasileiras vêm se disseminando, principalmente nos últimos anos, é verificado através de jornais, sites e pela televisão várias situações de desrespeito que os adeptos a estas religiões tem sofrido no DF e também em vários estados brasileiros. Algumas práticas espaciais de

intolerância religiosa publicadas em sites:

Dentre as demonstrações de desrespeito pode-se citar uma reportagem publicada no dia 11 de novembro de 2019 pelo Correio Braziliense que afirma serem as “religiões de matriz africana alvo de 59% dos crimes de intolerância”. Outra também feita pela BBC News Brasil em 2016 traz a informação que

[...] dados compilados pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro (CCIR) mostram que mais de 70% de 1.014 casos de ofensas, abusos e atos violentos registrados no Estado entre 2012 e 2015 são contra praticantes de religiões de matrizes africanas.

O Correio Braziliense abordou dois casos de depredação de terreiros no entorno do DF com a seguinte reportagem:

Dois terreiros de candomblé são incendiados no entorno do DF. A ocorrência mais grave é a de Santo Antônio do Descoberto (GO). O terreiro ficou todo destruído pelo fogo. Em Águas Lindas, homens usaram carro para derrubar portão.

As matérias citadas acima são apenas alguns poucos exemplos dos desrespeitos existentes contra as religiões de matrizes africanas. Em virtude disso, esta pesquisa torna-se importante pois pretende dar visibilidade a um espaço destinado aos adeptos as religiões afro-brasileiras, discorrendo sobre sua importância na capital de Brasília para esses indivíduos que se utilizam do espaço e merecem respeito.

Outros trabalhos referentes a praça já existe focam principalmente na compreensão dos processos de surgimento do espaço e do início da realização da Festa de Iemanjá. Apropriam-se de relatos de adeptos do candomblé e umbanda para conseguir definir a história tanto da festa como do lugar ressaltando o significado e importância da festividade de Iemanjá para estes e rememorando a trajetória dos cultos afro-brasileiros em Brasília- DF.

Enquanto isso, a presente pesquisa direciona-se seu olhar para a compreensão do significado da praça como espaço sagrado partindo também de relatos de fiéis pertencentes as religiões afro-brasileiras. Porém, dando ênfase nos problemas presentes na praça que dificultam a apropriação e manutenção deste espaço por essas comunidades. Estes desafios precisam de medidas que fortaleçam a preservação, estimulem a apropriação por parte da coletividade, garantam a segurança, combatam o preconceito e fomentem a cultura e a educação patrimonial, além de fortalecer as práticas de ensino e cultura associadas aos grupos afro-

brasileiros. O espaço cheio de fé mostra tamanha resistência ao desrespeito podendo ser entendido até mesmo como racismo as práticas religiosas realizadas que perduram na capital do Brasil em busca de respeito.

Considerando estas reflexões o objetivo geral é analisar as percepções em relação a Praça dos Orixás por parte dos fiéis. Os objetivos específicos consistem em analisar a partir da percepção dos religiosos a Praça dos Orixás como um espaço sagrado, compreender com base na observação e experiências dos fiéis de que modo a intolerância religiosa se expressa na praça e entender quais outros desafios associados as práticas de intolerância os fiéis veem/experienciam.

As hipóteses levantadas são de que os símbolos dos Orixás existentes no lugar desencadeiam nos fiéis experiências únicas, boas e fortalecedoras que reforçam expectativas de esperança na vida e que interferem de uma forma positiva no cotidiano desses indivíduos, tornando a praça um espaço sagrado e de extrema importância energética para eles na capital do Brasil; a intolerância religiosa é manifestada por meio de pichações, depredações e insegurança; outros problemas que dificultam a expressão da fé são a fragilidade das políticas de preservação patrimonial do local e racismo que muitas vezes não é punido conforme a legislação.

Inicialmente realizou-se uma primeira saída de campo para observação da dinâmica existente na área, depois foi feito um levantamento de informações e conceitos como Espaço Sagrado, intolerância religiosa e racismo para contribuir na compreensão do fenômeno em questão, logo após quatro saídas de campo para observações e entrevistas foram cumpridas. O formato das entrevistas foi focalizado e somente fiéis das religiões afro-brasileiras participaram. A perspectiva teórica e o método selecionados para desenvolvimento desta pesquisa foram a Geografia da Religião e a fenomenologia.

Em relação a divisão no primeiro capítulo serão apresentadas as bases teóricas e metodológicas que sustentaram e permitiram a escrita da pesquisa. Traz a história e explicação dos conceitos, abordagens e métodos escolhidos. No segundo, serão abordadas a questão da escravidão e as condições que os milhares de povos africanos foram submetidos ao chegarem no Brasil. Também identificará as diversas formas de resistências realizadas pelos africanos para manterem suas tradições e credos. Já no último capítulo são expostos os resultados, reflete-se sobre a Praça dos Orixás, através dos relatos dos crentes nas entrevistas, enquanto um espaço sagrado, apresentando em sua constituição símbolos religiosos como os orixás (divindades),

cultuados e reverenciados pelos devotos e também expõe os desafios relacionados com a intolerância como a insegurança e o combate ao racismo que na maioria das vezes não se adverte em concordância com a legislação.

2 TEORIA E METODOLOGIA

A Geografia da Religião tem avançado no desenvolvimento de pesquisas voltadas ao aprofundamento e compreensão do conceito de Espaço Sagrado, por isso, essa corrente geográfica será adotada. Nessa pesquisa o fenômeno religioso Praça dos Orixás é analisado a partir da apropriação dos elementos como as estátuas dos Orixás, árvores e o Lago Paranoá, presentes neste espaço. Essa apropriação do espaço geográfico ocorre de forma individual e coletiva (FRANGELLI, 2012, p. 53). As religiões cultuadas nesse local foram de extrema importância para sua constituição pois, se configuram como aponta Rosendahl (2002) como agentes modeladores do espaço.

A proposta temática dessa pesquisa será pautada em uma perspectiva fenomenológica por ser a que melhor se adequa. Isso ocorre mediante o método de considerar o entendimento dos indivíduos sobre aspectos presentes no espaço destinado para expressão de sua fé. No presente trabalho as percepções dos fiéis que frequentam a Praça dos Orixás serão interpretadas a partir da categoria de análise geográfica de Espaço Sagrado.

2.1 GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

Para se tornar um conhecimento válido dentro do meio acadêmico a Geografia da Religião foi explorada por vários intelectuais em diferentes tempos históricos e contextos sociais. Inicialmente estudos de cunho geográfico apareceram na antiguidade com os povos gregos (KONG, 1990, p. 355 apud PEREIRA, 2013, p. 17), depois no primeiro milênio da era cristã com árabes e muçulmanos, na Idade Média através de escolas monásticas (PARK, 1994, p. 8 apud PEREIRA, 2013, p. 17) e na era medieval a partir de teólogos que direcionavam suas abordagens baseando-se em preceitos bíblicos (BÜTTNER, 1977 apud PEREIRA, 2013, p. 17). Segundo Rosendahl (2018, p. 180), a partir do século XX surgiram algumas obras que foram importantes para o desenvolvimento de estudos sobre a Geografia da Religião entre os geógrafos. Dentre os pesquisadores que trabalharam a religião em seus textos destacaram-se os seguintes: Paul Fickeler, Pierre Deffontaines, Max Sorre e David Sopher.

Foi publicado na Alemanha no ano de 1947 o artigo *Grundfragen der Religions*

geographie (Questões Fundamentais na Geografia da Religião) de Paul Fickeler. Dentre suas principais ideias estão os conceitos de consagração, cerimonialismo e tolerância. Ele defendia a existência de dois tipos de consagração: o primeiro, sagrado histórico-religioso, apresenta-se em santuários naturais e permanece no espaço e no tempo de modo indeterminado, já o segundo desaparece se a forma religiosa que o instalou no espaço vier a sucumbir. Em relação ao cerimonialismo afirmava estar associado a um entendimento profundo do sagrado, ser algo necessário a todos os lugares e símbolos conectados ao divino, já o conceito de intolerância religiosa acreditava-se ser fundamental para o estudo da questão religiosa em geografia, pois, ajudava a compreender as relações pacíficas ou de desdém entre credos (ROSENDAHL, 2018, p. 181-182).

Pierre Deffontaines em sua obra *Geographe et Religions* (Geografia e Religiões) de 1948 deu ênfase a “uma análise da influência da cultura religiosa sobre a paisagem, através dos cemitérios e templos, e sua representação no cotidiano cultural dos seres humanos” (SILVA, 2018, p. 45).

Max Sorre em 1954 na obra *Les fondements de la géographie humaine* (Os Fundamentos da Geografia Humana) dar ênfase na religião como um elemento de união e posição na sociedade (ROSENDAHL, 2018, p. 183). O autor procura mostrar que “[...] a atitude religiosa de um grupo social que reflete a natureza da crença e a motivação de devoção representam o coletivo” (ROSENDAHL, 2018, p. 183). No ano de 1957 publica outro livro denominado *Rencontres de la géographie et de la sociologie* (Encontros com Geografia e Sociologia) no qual aborda as noções de espaço religioso e o campo das atividades religiosas. Espaço religioso remete a noção de área-extensão que os grupos religiosos frequentam no espaço e o campo das atividades religiosas pode ser analisado de duas maneiras: a primeira considera que o fato religioso existiu desde que a humanidade surgiu e tem influência na cultura do grupo e a segunda, as atividades religiosas, são produto do fato religioso que ocorre no espaço (ROSENDAHL, 2018, p. 184).

Em 1967 o geógrafo David Sopher com a publicação de seu livro *Geographie of Religions* (Geografia das Religiões) contribuiu para os estudos sobre a Geografia da Religião. Sua análise abarcava ideias referentes aos sistemas e comportamentos religiosos moldados e institucionalizados. Este enxerga a

[...] a religião como um sistema de fé e de culto de determinado grupo social, classifica os estudos em quatro temas geográficos: a) o significado do cenário ambiental para a evolução de sistemas religiosos; b) as inúmeras maneiras

pelos quais os sistemas religiosos condicionam e/ou modificam o seu comportamento; c) as diferentes formas de ocupação pelas quais os sistemas religiosos se organizam “no espaço”; e d) a distribuição geográfica das religiões e expressão visível da interação entre sistemas religiosos e espaço (ROSENDAHL, 2018, p. 184-185).

No Brasil, principalmente a partir de 1990, alguns geógrafos se interessaram pela abordagem religiosa e investiram tempo no desenvolvimento de pesquisas que vêm se multiplicando ao longo dos anos. Dentre estes profissionais destaca-se a geógrafa e professora Zeny Rosendahl que tem sob sua orientação o grupo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) vinculado a Universidade do Rio de Janeiro e o professor Sylvio Fausto Gil Filho, coordenador do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER-Curitiba) e do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER), ambos ligados a Universidade do Paraná.

De acordo com Gil Filho (2009), no editorial da revista *Rever*, novos debates surgiram entre os geógrafos brasileiros sobre a Geografia da Religião no início do século XXI graças a virada cultural e a virada linguística ocorridas no movimento da Nova Geografia Cultural no Brasil. Atualmente, uma parte dos geógrafos considera a Geografia da Religião como tema da Geografia Cultural concentrando-se nos estudos gerados dentro da própria disciplina e outros a enxergam como uma subdisciplina da Geografia Humana, com métodos próprios e uma relação maior com disciplinas que pesquisam o fenômeno religioso.

Estas duas tendências evidenciam bem as perspectivas teóricas diferenciadas presentes no Brasil. A primeira proposta é a de Zeny Rosendahl, cuja análises

[...] se atém às estruturas espaciais das religiões e a dicotomia sagrado e profano, assim como estudos funcionais sobre cidades-santuário e dispersão espacial das hirofanias. De forma simples, poder-se-ia afirmar que essa perspectiva busca apreender as manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir das formas religiosas já impressas na paisagem (FILHO; SILVA, 2009, p. 76).

A segunda perspectiva é a de Gil Filho que procura

[...] compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturantes e do caráter fenomenológico e, posteriormente, das estruturas estruturadas da religião. O pressuposto é de que pela ação do homem religioso se pode vislumbrar o espaço da religião, as representações, as expressões e percepções em face do discurso religioso e do pensamento religioso. Ainda mais quando são realizadas pesquisas sobre as territorialidades institucionais, concebe-se que as mesmas são marcadas muito além da materialidade dos templos, pelos intercâmbios simbólicos que se organizam na mediação das relações de poder (FILHO; SILVA, 2009, p. 76).

A linha teórica deste ponto de vista da Geografia da Religião usa uma base “[...] fenomenológica das manifestações religiosas, se ocupa em grande parte das dimensões não visíveis da religião ao mesmo tempo em que destaca a ação humana na construção da sua realidade” (PEREIRA, 2013, p. 33).

Para o autor os elementos subjetivos do fenômeno religioso também são importantes, por isso, não se deve considerar somente os elementos físicos do espaço. Percebe-se, que

Torna-se necessário preservar na análise os qualitativos que evidenciam o fenômeno religioso enquanto realidade própria da religião. Visto que em diversas abordagens há uma descaracterização da religião sob os auspícios da objetividade científica. Circunscrever o fenômeno religioso apenas em sua materialidade imediata é descurar seus aspectos mais íntimos e subjetivos. Nossa premissa é que a análise do fenômeno religioso requer uma cognição especial, uma sensibilidade as suas nuances a fim de captar suas características mais sutis. O fenômeno religioso aparece mais nítido no plano do cotidiano. Não é suficiente que o fenômeno se apresente como matéria prima da ciência que praticamos, é necessário penetrar nos seus sentidos últimos e compreender o que dizem (GIL FILHO, 2008, p. 212).

2.2 A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Edmund Husserl criou o método fenomenológico originando um movimento que influenciou uma grande parte da filosofia do Século XX e posteriormente outras áreas das ciências humanas (ROCHA, 2002-2003, p. 68). Para ele a fenomenologia¹¹, “[...] é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 1986, p. 22).

A redução fenomenológica requer uma abordagem menos direcionada para as coisas do mundo exterior e mais concentrada na experiência do significado da realidade para o indivíduo (GIL, 2008, p. 15). Diante disso, nota-se que a abordagem fenomenológica não nega a existência material do objeto, porém, o enfoque se dá na experiência subjetiva entre o homem e o fenômeno (objeto) e não exatamente em sua materialidade (Fellipe, 2016, p. 52).

No caso desta pesquisa os fiéis relatam suas percepções da realidade vigente na praça, os significados são atribuídos pelos sujeitos ao objeto (Praça dos Orixás) estudado pois, são os indivíduos que constituem a realidade.

Para a fenomenologia fenômenos são algo que ficam apenas no pensamento, concepções e ideias criadas por meio da ação humana “como, por exemplo, os valores

¹ A abordagem fenomenológica apresentada aqui é apenas uma aproximação do conceito.

morais, crenças, artes, técnicas e instituições” (ROCHA, 2002-2003, p. 70). Husserl afirma que fenômeno é

tudo aquilo que é vivência, na unidade de vivência de um eu: fenomenologia é, por conseguinte, a doutrina das vivências em geral, abrangendo também a doutrina de todos os dados, não só os genuínos, mas também os intencionais, que podem ser evidenciados nas vivências (HUSSERL, 1975, p. 182 apud ROCHA, 2002-2003, p. 70).

Chauí (1995, p. 238) ao abordar esse conceito defendido por Husserl completa declarando que a fenomenologia consiste na “[...] descrição de todos os fenômenos, ou eidos, ou essências, ou significação de todas essas realidades: materiais, naturais, ideais e culturais” (CHAUÍ, 1995, p. 238 apud ROCHA, 2002-2003, p. 70). Etimologicamente fenomenologia é “[...] o estudo ou a ciência do fenômeno” (DARTIGUES, 1992, p. 1-3 apud ROCHA, 2002-2003, p. 70). Ao se trabalhar com a fenomenologia a ciência está presente, mas, ligada ao mundo da vida, das experiências e do cotidiano humano. Na fenomenologia “não se pode separar a ciência do cientista, o sujeito do objeto, o criador da criatura” (OLIVEIRA, 1999, p. 48 apud ROCHA, 2002-2003, p. 71). Percebe-se que

No campo da fenomenologia como método de abordagem, são os sujeitos que determinam o objeto, pois ela parte do pressuposto de que os sujeitos constituem a realidade, que é singular do próprio sujeito. Essa é uma possibilidade metodológica muito acessada pelas ciências humanas, e dentro da geografia a fenomenologia chega à categoria da percepção, ou seja, a percepção do indivíduo em seu entorno, destacando sua subjetividade (COSTA; NASCIMENTO, 2016, p. 45).

O método fenomenológico tem como objetivo principal retratar a estrutura integral da experiência vivida, os significados que esta tem para os sujeitos que a experimentam. A fenomenologia dispõe da observação para adquirir as informações como se apresentam (COSTA; NASCIMENTO, 2016, p. 45). Nesse sentido, a percepção que o indivíduo tem do espaço vivenciado e experienciado permite compreendê-lo. Por meio da fenomenologia “[...] o ser humano vê o mundo e seus fenômenos de acordo com sua cultura, meio ambiente, formação educacional, estado emocional, entre outros fatores que formam seu entorno e seu interior” (ROCHA, 2002-2003, p. 67). A corrente filosófica fenomenológica vigora-se nesse estudo porque permite uma análise dando foco as compreensões que as pessoas possuem individualmente, mas, que ao mesmo tempo acabam sendo compartilhadas de alguma forma por seguirem princípios semelhantes as diferentes religiões afro-brasileiras.

2.3 CONCEITO DE ESPAÇO SAGRADO

O homem utiliza-se do ritual que reconstrói a obra dos deuses para sacralização do espaço (ROSENDAHL, 2018, p. 80). Ou seja, a dimensão espiritual (transcendente) influencia a consciência do ser e permite que este obtenha poder em sua dimensão física, portanto, há uma conexão benéfica entre as partes permitindo a elevação do indivíduo a uma sensação única por entrar em contato com as energias positivas advindas de suas divindades (FILHO; PEREIRA, 2012, p. 74).

A abordagem de Rosendahl (1996) na Geografia apresenta o conceito de espaço sagrado como

O espaço sagrado é um campo de forças e valores que eleva o homem religioso, acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio de símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. É o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas, e Deus, nas monoteístas (ROSENDAHL, 1996, p. 30).

O sagrado por estar associado a uma divindade se manifesta diferente do profano. A palavra sagrado tem sentido de “[...] separação e definição, implicando manter separadas as experiências sagradas das não-sagradas, profanas. Deriva da palavra em latim *sacrafu* - aquele que recebeu a consagração - as coisas divinas.” (ROSENDAHL, 1995, p. 98). O profano é o espaço que se situa em volta do espaço sagrado, o significado da palavra profano “[...] etimologicamente implica a ideia de localização: o prefixo grego *pro* significa em frente de, e *fano* significa templo sagrado” (ROSENDAHL, 1995, p. 98-99).

Para os religiosos espaços sagrados são fortes porque foi onde houve a manifestação do sagrado que pode ocorrer por meio de um objeto ou uma pessoa, por exemplo. O indivíduo religioso ao acreditar na existência de espaços sagrados e em um mundo no qual as imperfeições não existem consegue forças para suportar as dificuldades cotidianas, ele não só aguenta as piores dificuldades da vida como também começa a imaginar realidades que vão além das que seus sentidos revelam, algo bem mais profundo (ROSENDAHL, 2002, p. 16). Dessa forma, ele consagra o espaço por sentir necessidade de estar e locomover-se em um mundo sagrado.

Rosendahl (2003, p. 206) trabalha em suas pesquisas o conceito de hierópolis ou cidade-santuário que são

[...] todos os lugares considerados sagrados por uma dada população local,

regional ou nacional. [...] os pequenos núcleos de povoamento dotados, ainda que periodicamente, de atividades religiosas e comerciais, podem ser definidos como cidade ao menos nos sucessivos tempos sagrados (ROSENDAHL, 2003, p. 206).

Os estudos empíricos vêm se desenvolvendo e possibilitando a classificação da hierópolis em relação ao tipo de localização. São considerados cinco tipos: “em núcleos rurais, em pequenas cidades da área rural, entre centros metropolitanos, na metrópole e nas periferias metropolitanas” (ROSENDAHL, 2003 apud ROSENDAHL, 2018, p. 204).

O autor Mircea Eliade (1992, p. 13-17) para indicar a manifestação do sagrado utiliza-se o termo hierofania que significa que algo de sagrado se revela. O espaço sagrado se apresenta forte e significativo, enquanto os espaços não sagrados são inconsistentes, amorfos. Para o sujeito religioso a não homogeneidade espacial se dá por meio da experiência entre o espaço sagrado, o real, e o resto que seria tudo que o cerca, a extensão informe.

2.4 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E RACISMO

Práticas, preconceitos e atos de vandalismo contra um local sagrado são exemplos de um processo denominado intolerância religiosa que pode ser definido como:

A intolerância é a expressão do preconceito com o que é diferente. Este preconceito pode ser fruto do desconhecido como também de deturpado ou falso conhecimento da realidade do outro, se manifestando como uma opinião, uma ideia negativa sobre um grupo de pessoas que desconhecem o outro (SILVA, 2012, p. 66).

A falta de conhecimento sobre uma determinada religião pode acarretar a deturpação de seus preceitos e ideologias, sendo assim, é fundamental o conhecimento mais aprofundado desta para que opiniões concretas sejam formadas e atitudes repreensivas revistas sob um enfoque reflexivo.

A Secretaria de Direitos Humanos (SDHPR) conceitua em seu relatório a intolerância religiosa como

[...] crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana, a violência e a perseguição por motivo religioso são práticas de extrema gravidade e costumam ser caracterizadas pela ofensa, discriminação e até mesmo por atos que atentam à vida (SDH-PR, 2016).

Porém, apesar do reconhecimento e garantia constitucional que o Estado é laico e que é crime atos de intolerância religiosa, pois todos são livres para

expressarem sua fé, na prática não se observa o respeito a diversidade e a liberdade religiosa em muitos casos. Isto se deve ao fato de muitas vezes a liberdade ao extremo desrespeitar a crença do outro, na medida em que a expansão ou expressão de uma fé pode atingir negativamente ou violar os direitos de outra crença.

A intolerância religiosa também pode ser “[...] compreendida como uma prática definida pelo não reconhecimento da veracidade de outras religiões” (FERNANDES, 2017, p. 125). Esta atitude é uma expressão fundada

(...) nos preconceitos caracterizadas pela diferença de credos religiosos praticados por terceiros, podendo resultar em atos de discriminação violentos dirigidos a indivíduos específicos ou em atos de perseguição religiosa, cujo alvo é a coletividade (SILVA Jr, 2009, p.128 apud FERNANDES, 2017, p. 125).

A pluralidade religiosa deve ser respeitada e valorizada porque ao falar que a “[...] diversidade leva ao pluralismo, e o pluralismo religioso deveria ser certificado como conjunto de bens universal, que consente aos distintos o seu próprio progresso, o desenvolvimento de sua personalidade e a declaração de seus direitos” (Santos, 2017, p. 426).

A intolerância em relação aos símbolos, práticas, espaços e representações das religiões afro-brasileiras está vinculada a uma construção histórica colonialista da qual o Brasil fez parte. Colonizadores europeus proibiram o culto às religiões de matriz africana ou qualquer outra crença diferente da Católica, além de escravizarem e subordinarem os diferentes povos ao pensamento, às práticas, instituições e demais construções eurocêntricas. Uma visão degradante é passada desde a chegada do colonizador europeu e seu contato com as várias etnias presentes no continente africano. “[...] Quando os primeiros evangelizadores lá chegaram, encontram o culto aos orixás e vodus, altares as formas fálicas e naquele momento atribuíram a manifestação religiosa a algo demoníaco” (SILVA, 2020, p. 65). Para Flor do Nascimento (2017, p. 53) a exotização e a demonização é fruto do racismo. Mesmo tendo se passado tantos séculos ainda revigora uma visão estéril do africano anteriormente “[...] como o escravo, aquele sem identidade que somente servia para alimentar o sistema escravista, não sendo considerado como sujeito e protagonista de sua própria história” (SILVA, 2020, p. 65).

O preconceito possui uma raiz histórica que mostra-se presente até os dias atuais. Esta postura advém de muitas questões, pode-se afirmar que uma delas é

O etnocentrismo [que] fez com que ocorresse a legitimação e o aprofundamento da inferioridade entre os povos e seus respectivos espaços. Este foi feito através de múltiplas estratégias de inferiorização, tais como o epistemicídio, genocídio, assimilacionismo, entre outras (SILVA, 2012, p. 66).

Dessa forma, pode-se dizer que

[...] o malogro da experiência colonial, associado ao discurso extirpador das religiões afro-brasileiras por meio da sua 'demonização', que implica numa atitude nefária, tenta atribuir a correlação do que vem do negro como algo negativo, pejorativo (SANTOS, 2018, p. 16).

Portanto, Santos (2018, p. 17) afirma que a aversão as religiões afro-brasileiras está diretamente relacionada, conectada a uma questão racial. Segundo Flor do Nascimento (2017, p. 54) em pesquisas atuais o termo intolerância religiosa torna-se insuficiente quando se trata das violências sofridas pelas religiões de matriz africana, em decorrência do racismo ainda existente. No caso dessas religiões fala-se em “[...] atos de racismo religioso, pois se observa a existência de um repúdio que vai além do aspecto religioso e que se origina do racismo estrutural e histórico existente na sociedade brasileira” (SILVA, 2020, p.65).

O racismo se constitui como um fator que ultrapassa a intolerância por advir de um processo escravagista e está envolto a estruturação das classes sociais do país. As tradições de matrizes africanas sofreram mudanças ao serem trazidas para o Brasil, mas, mesmo com isso carregam fatores vinculados as suas origens. Podemos observar que

No Brasil, os gestos violentos contra as “religiões” de matrizes africanas se configuram em meio a uma dupla marca negativa: a) a exotização e demonização, por serem crenças não-cristãs ou não ligadas à cultura que a Europa – e suas projeções no “mundo desenvolvido” – adotou para si (e isso incluiria, inclusive, uma convivência menos atritante com religiões judaicas ou islâmicas, por exemplo); b) o racismo, por serem estas “religiões” constituídas por pessoas negras e formadas por elementos africanos e indígenas. Ambas as dimensões estão interligadas, de modo que, na maioria dos casos, a própria exotização e demonização é um produto do racismo (FLOR DO NASCIMENTO, 2017, p. 53).

Ainda segundo Flor do Nascimento (2017, p. 54),

[...] a noção de intolerância religiosa não é suficiente para entender o que acontece com as comunidades que vivenciam as tradições de matrizes africanas, pois não é apenas, ou exclusivamente, o caráter religioso que é recusado efetivamente nos ataques aos templos e pessoas vivenciadoras dessas tradições. É exatamente esse modo de vida negro, mesmo quando vivenciado por pessoas não negras, que se ataca; ou seja, mesmo pessoas brancas que vivenciem as tradições de matrizes africanas podem ser vítimas de um racismo originalmente destinado a elementos negros dessas tradições (FLOR DO NASCIMENTO, 2017, p. 54).

Sendo assim, nota-se que o desrespeito não é direcionado somente ao dogma

religioso no caso das religiões afro-brasileiras, mas ao fato dessas religiões manterem elementos africanos em sua constituição.

É necessário denunciar as práticas desrespeitadoras realizadas que vão contra a liberdade de religiosos e a lei 7716/89 que estabelece a igualdade religiosa e o crime de intolerância religiosa. Ainda nesse sentido o artigo 140 do Código Penal Brasileiro afirma no inciso terceiro que "injuriar alguém ofendendo-lhe a dignidade na utilização de elementos referente a raça, cor, etnia, religião ou origem pode levar a reclusão de 1 a 3 anos e multa".

A presença da Praça dos Orixás é uma reafirmação da existência e importância das religiões de matrizes africanas na história brasileira e principalmente na formação de sua cultura. A praça acaba possibilitando uma maior liberdade a essas pessoas de professarem sua fé, por isso, se configura como um espaço público de resistência fundamental para a valorização das tradições e experiências originárias da África e readaptadas no Brasil, sendo assim, um local significativo na luta contra o racismo religioso. Observa-se que

[...] Enfrentar o racismo religioso é uma forma de desmascarar a continuação da mentalidade racista que permeia a sociedade brasileira e que ataca tudo que tenha heranças africanas de resistência, levando pessoas e instituições a desrespeitarem os territórios, crenças, práticas e saberes que se mantêm em torno dos terreiros (FLOR DO NASCIMENTO, 2017, p. 55).

Nessa pesquisa quando se trabalha o termo racismo religioso não se desconsidera a noção de intolerância religiosa, pelo contrário, apenas se evidencia que esse termo não recobre, explica todas as situações vivenciadas pelos fiéis das religiões afro-brasileiras. É necessário compreender que o racismo é algo estrutural em nossa sociedade e não descartar a ideia dele está relacionando a raiz do problema. Deve-se observar que

[...] Em nosso país, o racismo costuma se camuflar e se justificar para não aparecer como tal. E este ocultamento é perigoso, pois deixa a real causa do problema sempre sem enfrentamento, pois estamos sempre lidando com "brigas de vizinhos", "vandalismo", "injúria", "lesões corporais", entre outras, que são, de fato, consequências e expressões do ódio racial e não o problema principal. Quando apenas tratamos dessas últimas ocorrências, estamos tratando os sintomas e deixando a causa, o racismo, sem enfrentamento (FLOR DO NASCIMENTO, 2017, p. 55).

2.5 METODOLOGIA

Para a construção teórica e metodológica desse trabalho, foi realizada a revisão

bibliográfica dos principais conceitos abordados que ajudaram nas reflexões desta pesquisa.

Além disso, foram feitas cinco saídas de campo até a Praça dos Orixás para observações dos usos, práticas e paisagem local, tirar fotos e para a realização de entrevistas (formulário com perguntas anexadas no final do trabalho) com os fiéis no espaço. O tempo de duração das entrevistas foi, em média, 3 a 10 minutos.

A primeira saída de campo, realizada no dia 13 de junho de 2019, data comemorativa do Orixá Exu, se constitui em observar a praça e compreender as relações e práticas existentes no espaço para definir quais as abordagens se encaixariam melhor para o desenvolvimento da pesquisa, portanto, foi visita exploratória.

A segunda e a terceira foram realizadas no dia 30 e 31 de dezembro de 2019 em decorrência da festa de ano novo e a quarta dia 2 de fevereiro de 2020, data que se homenageou os Orixás Iemanjá e Oxum. Esses dias festivos foram escolhidos com a intenção de encontrar um maior número de frequentadores no local para concretização das entrevistas. Ao todo contabilizou-se 28 entrevistas obtidas por meio de gravação e anotações. Somente religiosos que se auto titularam pertencentes as religiões afro-brasileiras foram entrevistados já que a pesquisa tem como foco partir das observações e percepções desses indivíduos, em específico, para analisar o significado que a praça assume e também os desafios presentes.

O tipo de entrevista utilizada foi por pauta considerando que foi desenvolvida com apoio de perguntas abertas apresentando “[...] certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (GIL, 2008, p. 112). Essa pequena estruturação se dá porque “as pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si” (GIL, 2008, p. 112). De acordo com Gil (2008, p. 112), sendo a entrevista aberta o entrevistado responde livremente a poucas perguntas diretas sendo redirecionado sutilmente pelo entrevistador caso fuja das pautas em questão. Caso o entrevistador conduza adequadamente a entrevista e tenha boa memória conseguirá após a finalização reconstruí-la de uma forma mais estruturada permitindo uma análise objetiva da mesma.

Busca-se assim, por meio da articulação teórica e prática compreender as

percepções, características, apropriações, marcas e desafios presentes na Praça dos Orixás.

3 A DIÁSPORA AFRICANA E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

No presente estudo para que se torne possível compreender melhor as origens ancestrais as quais as religiões afro-brasileiras pertencem é necessário recorrer a processos históricos que marcaram os contextos político, econômico e social do Brasil. A diáspora africana teve a maior amplitude nas Américas, onde milhares de africanos trabalharam forçadamente em serviços estafantes, sob condições sub-humanas nas colônias, para que as metrópoles alcançassem a prosperidade econômica. Também será abordada as religiões afro-brasileiras, formas de vida que guardam uma espiritualidade (NASCIMENTO, 2017, p. 54). Foi devido a vinda de milhões de africanos para o Brasil que as religiões afro-brasileiras se constituíram, pois, estes ao criarem seus territórios desenvolveram sua cultura que aliada as tradições de outros povos aqui presentes como indígenas e europeus se organizou de forma diferenciada da original em decorrência de uma junção de saberes.

3.1 A DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL

O termo diáspora africana se refere ao “[...] deslocamento forçado de milhões de africanos de sua pátria durante os quatrocentos anos de tráfico de pessoas pelo Atlântico” (FORD, 1999, p. 41 apud CHAGAS, 2020, p. 16). No caso deste estudo ela será empregada nesta perspectiva.

Em 1798 a população era de aproximadamente 3.250.000 habitantes no Brasil, sendo que deste número cerca de 1.998.000 eram de pessoas de origem africana e 1.582.000 destes estavam sob condição de escravo. No ano de 1872 a população se aproximava de 9,9 milhões, destes 5,8 milhões de indivíduos eram de ascendência africana e 1,5 milhões permaneciam na condição de escravos (INIKORI, 1980, p. 116 apud CHAGAS, 2020, p. 18). A quantidade de indivíduos pode ser muito superior a essa já que esse número, segundo Prandi (2000, p. 52), não compreende aos africanos que morreram no próprio continente Africano antes de embarcar no navio negreiro, nem durante a travessia oceânica e tampouco depois do desembarque em terras brasileiras. Outro fator que dificulta a contabilização desse processo e o não conhecimento do número de navios que aportaram na costa brasileira de forma clandestina (PRANDI, 2000 apud CHAGAS, 2020, p. 16-17). Acredita-se que girou em

torno de 12 e 13 milhões de seres humanos transportados, apesar das pesquisas divergirem em relação a esses registros quantitativos da diáspora africana (ANJOS, 2011, p. 262).

O tráfico internacional desencadeou a criação de um mercado de indivíduos que desequilibrou reinos, alterou regiões e suscitou guerras na África. Ainda criou um comércio transatlântico que aumentou a quantidade de riquezas e bens na Europa, contribuiu para o desenvolvimento do processo de industrialização da Inglaterra, porém, rompia com o avanço e progresso no continente africano já que “a mão-de-obra mais preciosa e habilitada, homens e mulheres, jovens e saudáveis, foi sequestrada e obrigada ao trabalho em terras distantes” (SANTOS, 2008, p. 182). Muitos fatores ajudaram para que a escravização desse certo e fosse lucrativa, dentre eles,

[...] a habilidade dos africanos como agricultores, ferreiros, mineradores, construtores, entre outros saberes que os faziam mão de obra adequada para a colonização do novo mundo, bem como, os interesses econômicos das nações colonizadoras (SILVA; SILVA, 2014, p. 193).

Diversas práticas foram usadas para dificultar uma rebelião dos povos africanos contra a escravidão. Dentre elas, pode-se destacar a separação de pessoas falantes da mesma língua e nação, pois isso, atrapalhava uma organização (CHAGAS, 2020, p. 17).

Porém, a relação entre povos africanos escravizados que já estavam nessa condição a mais tempo no Brasil com novos grupos que chegavam e também os africanos livres, conservava suas línguas e tradições, estes se uniam não deixando morrer seus credos, possibilitando uma “[...] reconstituição cultural mais bem acabada do negro no Brasil, capaz de preservar-se até os dias de hoje: a religião afro-brasileira” (Prandi, 2000, p. 59 apud CHAGAS, 2020, p. 19). Várias foram as formas de resistência que os povos africanos utilizaram-se para manter vivas suas tradições advindas de seu território de origem, pode-se dizer que

Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos, mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantação, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual ou coletivamente. Houve, no entanto, um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão- e de outras formas de trabalho forçado. Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. A fuga nem sempre levava a formação desses grupos. Ela podia ser individual ou até grupal, mas os escravos terminavam procurando se diluir no anonimato da massa escrava e de negros livres (REIS; GOMES, 1996, p. 9).

Os africanos para se livrarem da opressão fugiam para os quilombos. Em relação a palavra Quilombo, Anjos (2011) traz uma definição abrangente, pois, engloba vários significados presentes nas diversas regiões africanas para esse único termo. De acordo com ele,

A palavra aportuguesada quilombo, tem sua origem na estrutura da língua bantu (kilombo) e pode ser entendido ainda, como acampamento guerreiro na floresta, o nome de uma região Administrativa de Angola, habitação no território do antigo Reino do Congo; lugar para estar com Deus na Região Central da Bacia do rio Congo e, significa, ainda, na Região Centro-Norte de Angola filho de preto que não é preto. A grande extensão dos povoados “livres”, com uma forma de organização territorial de matriz africana, que vão se desenvolver nas margens brasileiras do Oceano Atlântico, têm em comum a referência de um espaço seguro e protegido, não necessariamente isolado, com igualdade de condições na maioria das relações comunitárias, de liberdade de acesso à terra e de uma base possível de ter confrontos e guerras pela manutenção do espaço “livre”. Neste sentido o quilombo africano e o quilombo americano apresentam semelhanças fundamentais (ANJOS, 2011, p. 266).

Esse foi um termo usado pelos portugueses para designar as povoações construídas pelos escravos fugidos do cativeiro. “No Brasil, esses espaços eram chamados de arranchamentos, mocambos ou quilombos e seus membros eram conhecidos como Callombolas, quilombolas ou mocambeiros” (SILVA; SILVA, 2014, p. 193). Estas construções eram diversas, cada uma com sua organização e com tamanhos e formatos diferentes (RAMOS, 1996, p. 165). Esses territórios

São semelhantes na medida em que, constituídos por escravos fugidos em sua maior parte, todos eles configuram uma mesma modalidade de expressão da rebeldia escrava. São diferentes já que cada quilombo tem sua época de existência, sua região e seus mecanismos de sobrevivência, constituindo assim, uma configuração histórico-cultural específica (GUIMARÃES, 1996, p. 143).

Na história brasileira o Quilombo de Palmares foi o maior. Grande símbolo de resistência causou desconforto as autoridades que perseguiram o grupo até na segunda metade do século XVII que foi quando o destruíram, capturaram e executaram seu líder expondo sua cabeça publicamente como forma de intimidação. Porém, mesmo com tanta perseguição vários conseguiram sobreviver “[...] às perseguições, perpassaram pela ‘libertação dos escravos’ e permaneceram/permanecem em seus antigos espaços de moradia” (SILVA; SILVA, 2014, p. 194-195), mesmo com o fim da escravatura, pois, a grande maioria mantém-se a margem da sociedade, demandando outras formas de resistência e luta.

Quando ocorreu a abolição da escravatura não foram destinados aos povos escravizados nenhum aparato que lhes garantissem a cidadania como escolas,

moradias ou empregos remunerados dignamente. Muitos voltaram aos seus antigos postos de trabalho pela falta de não ter para onde ir e continuaram a se submeter a condições absurdas, e mesmo após a abolição muitos anos se passaram e seus descendentes continuaram vivendo a margem da sociedade. Referente a isso, evidencia-se que

[...] mesmo com muitas dificuldades, esses locais de vivência dos antigos quilombolas passaram o tempo e os seus descendentes continuaram a residir nas terras onde moravam seus ancestrais. Estes espaços encerram experiências individuais de lutas para se constituírem enquanto grupos que, a sua maneira, enfrentou desafios para resistir física e culturalmente, sendo conhecidos hoje como comunidades remanescentes de quilombos (SILVA; SILVA, 2014, p. 195).

Dessa forma, a presença marcante dos povos africanos no Brasil, portanto é incontestável e juntamente com isso está presente

[...] de maneira indelével as formas de ser e estar no mundo dos africanos e de seus descendentes na identidade cultural brasileira. Por mais que processos oficiais e não oficiais tentassem (e ainda tentam) apagar essa marca da riqueza cultural africana no Brasil, a resistência sempre existiu e devemos isso aos próprios africanos e seus descendentes que organizaram movimentos de luta e resistência contra a destruição de suas raízes culturais (CHAGAS, 2020, p. 18).

Infelizmente no Brasil ainda há resistência em reconhecer que se constituiu uma cultura na diáspora. Em relação a isso, “desconhecemos ou não reconhecemos o que temos de africano na cultura afro-brasileira. Não poderia ser diferente. Fomos sempre educados a pensar em termos europeus” (SANTOS, 2008, p. 190).

Segundo Anjos (2011, p. 263), no século XVI muitos povos africanos das regiões identificadas como Alta e Baixa Guiné, que hoje corresponde aos países Serra Leoa, Senegal, Guiné, Guiné-Bissau, Nigéria, Benin, Burquina Fasso, Gana, Costa do Marfim, Libéria, Mali e Gâmbia, foram levados forçadamente para locais como Pernambuco, Bahia, Maranhão e Grão-Pará no estado brasileiro. Já no século XVII o tráfico foca na Costa de Angola, onde atualmente localizam-se os países Angola, Gabão, República Democrática do Congo e Guiné Equatorial, arrancando os povos de suas terras e transportando-os para a Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro, São Paulo e regiões do centro-sul do Brasil. Também saíram povos africanos da Costa da Mina, que atualmente corresponde aos territórios da Costa do Marfim, Libéria, Burquina Fase, Mali, Nigéria, Congo, Gana, Togo, Benin, Nigéria e Camarões, diretamente para o Grão-Pará, Maranhão e Rio Grande do Norte. Entre os séculos XVII e XVIII formaram-se “[...] as mais importantes e duradouras extensões territoriais

das rotas do tráfico negreiro: as Costas da Mina e de Angola. É nesse período que vão ocorrer os maiores volumes de povos africanos transportados para o território brasileiro” (ANJOS, 2011, p. 263-264).

Conforme Anjos (2011, p. 265) o fim do tráfico negreiro não aconteceu exatamente no século XIX como muitos estudos defendem em decorrência dos vários tratados, pois, o Brasil continuou transportando de forma ilegal

Grupos Bantus da Costa de Angola [...] para portos no Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia e da Contra Costa da África, da região de Moçambique (os Macuas e Anjicos, principalmente), o direcionamento é para o centro do Brasil (Goiás e Minas Gerais) São Paulo e Rio Grande do Sul. Da Baía do Benin, no Golfo da Guiné, serão retirados as últimas levas de seres humanos Jeje-Mina; (ANJOS, 2011, p. 268).

Na metade do século XIX surgiram-se diversos tratados para acabar com o tráfico, fato que aconteceu no caso do Brasil somente em 1850,

[...] período em que são desfeitas as ligações bilaterais entre os continentes africano e americano, sendo destruídas as rotas do tráfico triangular entre a América, a África e a Europa. Entretanto, o Brasil por 66 anos e os Estados Unidos por mais 90 anos, continuaram escravistas depois da independência” (ANJOS, 2011, p. 265).

3.2 RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

As religiões afro-brasileiras constituem a cultura dos descendentes de povos africanos que foram sequestrados e transportados para várias partes do mundo. Porém, mesmo com o fim da escravidão estas continuam sofrendo repressões policiais e também eclesiásticas. Apesar da condição de escravos em um território desconhecido, submetidos a condições degradantes de sobrevivência os africanos foram em direção contrária a todas as tentativas de desumanizá-los “[...] buscaram a criatividade e a organização, seja pela resistência direta ou mais acomodada, mantendo a cultura que tem em si muito da origem” (SANTOS, 2008, p. 191).

Até 1930, várias religiões de matriz africana desenvolveram-se em diversas regiões do Brasil, como o

[...] candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco e Alagoas, tambor de mina no Maranhão e Pará, batuque no Rio Grande do Sul, macumba no Rio de Janeiro. Na Bahia originou-se também o muito popular candomblé de caboclo e o menos conhecido candomblé de egum. O Nordeste foi berço também de outras modalidades religiosas mais próximas das religiões indígenas, mas que cedo ou tarde acabaram por incorporar muito das religiões afro-brasileiras ou as influenciar. Trata-se do catimbó, religião de espíritos aos quais se dá o nome de mestres e caboclos, que se incorporam no transe para aconselhar, receitar e curar. Esse tronco afro-ameríndio tem

particularidades em diferentes lugares, sendo chamado de jurema, toré, pajelança, babaçuê, encantaria e cura (PRANDI, 1998, p. 152).

Embora os povos africanos tenham conseguido manter no Brasil suas tradições desde os séculos XVIII e XIX, até atualmente, estas enfrentaram contradições porque em sua “[...] origem, as religiões dos bantos, iorubás e fons são religiões de culto aos ancestrais, que se fundam nas famílias e suas linhagens, mas, as estruturas sociais e familiares às quais a religião dava sentido aqui nunca se reproduziram” (PRANDI, 1998, p. 153). Estes credos sofreram influências do catolicismo tendo algumas em sua formação muitas referências catolicistas em detrimento da mistura que foram submetidas para se ocultarem no período da escravidão e continuarem a realização de suas tradições com menos represálias (PRANDI, 1998, p. 153).

No Brasil, como os vários povos que vieram da África tinham se separado de seus familiares e estavam fora dos estratos sociais que ocupavam nas suas terras de origem tiveram que adaptar seus costumes a nova forma de vida que levavam. Portanto, novos desafios surgiram porque

[...] A parte ritual da religião original mais importante para a vida cotidiana, constituída no culto aos antepassados familiares e da aldeia, pouco se refez, pois, na escravidão, a família se perdeu, a tribo se perdeu. Na África, era o ancestral do povoado (egungum) que cuidava da ordem do grupo, resolvendo os conflitos e punindo os transgressores que punham em risco o equilíbrio coletivo. Quando as estruturas sociais foram dissolvidas pela escravidão, os antepassados perderam seu lugar privilegiado no culto, sobrevivendo marginalmente no novo contexto social e ritual. As divindades mais diretamente ligadas às forças da natureza, mais diretamente envolvidas na manipulação mágica do mundo, mais presentes na construção da identidade da pessoa, os orixás, divindades de culto genérico, essas sim vieram a ocupar o centro da nova religião negra em território brasileiro. Pois que sentido poderia fazer o controle da vida social para o negro escravo? Fora de suas assembléias religiosas, era o catolicismo do senhor a única fonte possível de ligação com o mundo coletivo projetado para fora do trabalho escravo e da senzala (PRANDI, 1998, p. 153-154).

Contudo, recentemente essas religiões começaram a ter uma maior liberdade já que agora o estado brasileiro é laico e, portanto, não tem o catolicismo “[...] como a grande e única fonte de transcendência que possa legitimá-la e fornecer-lhe os controles valorativos da vida social” (PRANDI, 1998, p. 154-155).

Dentre as religiões de matriz africana mais conhecidas estão o “[...] islamismo, o calundu, o candomblé e a umbanda” (BONFIM; GREGÓRIO; MACIEL, 2017, p. 3-4). A religião islâmica veio para o Brasil, juntamente com os africanos, no século XIX. Os africanos muçulmanos também denominados malês usavam como símbolo de sua crença amuletos com orações para que os protegessem do mal. O calundu chegou entre os séculos XVII e XVIII utilizando do curanderismo e ervas, já o candomblé, no

século XIX, utilizava-se de oferendas aos orixás e voduns. A umbanda, religião originalmente brasileira, carrega em suas raízes influências do catolicismo e espiritismo (BONFIM; GREGÓRIO; MACIEL, 2017, p. 4).

Nenhuma religião deve ser inferiorizada porque cada uma tem suas especificações e princípios. Ele afirma que não existem religiões superiores ou inferiores, certas ou erradas, do bem ou do mal visto que estas classificações estão pautadas muito mais em juízos de valores ou julgamentos subjetivos, ou seja, não há uma unanimidade, até porque qualquer uma é julgada partindo de conceitos ou preconceitos advindos de outra. Porém, mesmo que se considerasse, assim como os evolucionistas, as religiões com maior dose de magia as mais “atrasadas”, poderia apenas levar em consideração que todas as crenças religiosas se amparam em categorias do pensamento mágico (BONFIM; GREGÓRIO; MACIEL, 2017, p. 2).

3.3 RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO DISTRITO FEDERAL

Segundo o censo direcionado a investigação étnico-racial realizado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) um total de 7,6% da população se declarou preta e 43,1% parda. No entanto, deve-se levar em consideração que este método de verificação usado pelo IBGE é um dos fatores estruturais que ocasiona a subestimação do verdadeiro número de cidadãos de matriz africana no país (ANJOS, 2010, p. 16). O próprio IBGE em uma de suas publicações em sua revista Retratos em maio de 2018 especifica que o termo pardo refere-se a uma miscigenação de origem preta ou indígena com outra cor ou raça. Diante disso, se refletirmos que uma boa parte da população tida como parda nesse censo é mestiça, ou seja, apresenta graus diferenciados de ascendência africana é possível se notar que os afro-brasileiros não correspondem a um número tão pequeno quanto mostra o censo (ANJOS, 2010, p. 18). Sendo assim, a questão demográfica afro-brasileira fica um pouco a desejar.

Os locais destinados as religiões afro-brasileiras estão presentes nas regiões administrativas do Distrito Federal e também no entorno. O processo de ocupação e a trajetória desses cultos ocorreram juntamente com a história de Brasília (REIS, 2012, p. 42).

Os primeiros locais voltados aos cultos umbandistas surgiram logo no início da construção da capital. Segundo a zeladora-de-santo Lindaura Lina Vila Real,

entrevistada por Reis (2012, p. 42), o terreiro pioneiro começou no ano de 1968 na região administrativa do Núcleo Bandeirante. Segundo o entrevistador, outro centro de umbanda, denominado Tenda Espírita Mata Virgem e Caboclo da Mata, fundado em 1969 localiza-se em Sobradinho e tem como zeladora-de-santo Mãe Rita de Yemanjá (REIS, 2012, p. 44-46).

Conforme Reis (2012, 46), a maioria das lideranças migraram para Brasília logo no início de sua fundação. Muitas pessoas vieram para a nova capital buscar oportunidades, porém, outras foram transferidas do Rio de Janeiro (antiga capital) para assumir cargos públicos e, por isso, mudaram.

Dentre os primeiros terreiros de candomblé que surgiram estão o de Pai Tito de Omolu, denominado *Ilê Axé Bará Leji*, fundado em 1967 no Cruzeiro e o de Mãe Railda de Oxum, inaugurado no ano de 1973, no município de Valparaíso de Goiás (REIS, 2012, p. 48).

O conjunto de terreiros possuem como base tradições de origem africana e oferecem serviços religiosos, voltados a práticas oraculares e trabalhos espirituais. Também utilizaram de “[...] mecanismos de intervenção social empenhados em beneficiar a comunidade abrangente, muitas vezes leiga, conseguiram com o tempo, consolidar sua presença e expressividade religiosas no Planalto Central” (REIS, 2012, p. 49-50).

4 RESULTADOS

Nesse capítulo têm-se os resultados da análise da percepção dos entrevistados na pesquisa, focando em particularidades sobre as experiências vivenciadas na praça tanto direcionadas ao significado sagrado da praça para os religiosos como os desafios encontrados.

4.1 ESPAÇO SAGRADO AFRO-BRASILEIRO EM BRASÍLIA

A Praça dos Orixás representa um espaço importante para os fiéis pois, manifestam suas crenças por meio da realização de festas em homenagem aos orixás e a socialização, entre outras práticas religiosas. Ou seja, é um espaço conectado as experiências e compreensão de vida dessas pessoas, portanto, influência no cotidiano, na forma de agir. Nota-se isso, pelas palavras do entrevistado 6 pertencente a religião Umbanda ao discorrer sobre a praça que diz frequentar desde 1984, afirma ser

Um espaço para a cultura negra. A cultura negra é minha praia. Ela é fundamental, eu defendo mesmo fora daqui dessa praça, sou cantor e compositor e minhas canções refletem essa minha crença. Vai fazer cinquenta anos que presto serviço ao samba cantando músicas sobre os Orixás e a cultura negra, eu vim comemorar isso aqui na Praça dos Orixás, essa cultura é minha vida e por isso considero esse lugar importante e também muito sagrado. (E6).

Portanto, a presença da praça dos Orixás é significativa como reafirmação da história dos antepassados afro-brasileiros e também como uma marca de liberdade de expressão que demorou séculos a ser conquistada, estar em contato com a praça só auxilia para que as pessoas não se esqueçam de suas origens. A presença dos símbolos dos Orixás e dos ritos (como a festa destinada a Yemanjá) realizados consagra o espaço e permite a conexão espiritual entre ser humano e divindades. Em relação a isso, dois dos entrevistados (E21 e E7), fazem o seguinte relato:

Representa um marco civilizatório, um legado dos povos africanos no Brasil e ter um lugar de referência que as pessoas de descendência africana possam expressar, manifestar essa ligação é importante. (E21)

Considero um espaço sagrado, de fé, crença, doação, troca, de reverenciar cada uma das entidades aqui presentes. É uma referência da composição étnica brasileira. (E7)

Sua localização próxima ao lago e a presença de muitas árvores na sua configuração espacial influenciam o uso do espaço pelos praticantes de cultos de

possessão porque para eles os fenômenos da natureza (água e matas) possuem uma sacralidade, segundo Cleaver (2009, p. 77). Portanto, o espaço é visto como sagrado e repositório de energia vital e espiritual. Este fato pode ser identificado na fala dos entrevistados E9, E14, E26 e E19 conforme se segue:

É um lugar para saudar os Orixás. E também é o único lugar que temos próximo a água onde é possível fazermos as oferendas. (E9)

O lago representa a natureza, nos dá força, é preciso termos gratidão pela linda paisagem. (E14)

Eu, por exemplo, que hoje não tenho uma casa de santo no DF me identifico em vir aqui prestar as minhas homenagens, as minhas reverências, conversar com meus Orixás e a proximidade da natureza e da água faz com que a sensação de que a presença dos Orixás nessa praça é mais forte ainda. (E26)

Tranquilidade, harmonia, celebração das forças da natureza e alegria. É um templo ao ar livre e muitas pessoas não entendem. É um lugar onde eu posso me molhar na água e fazer as oferendas, elas significam um agradecimento aos Orixás e esperança de que um novo ser humano se erga, se torne uma pessoa melhor. (E19)

Muitos filhos-de-santo procuram o espaço não só para realizarem grandes festas como a de Iemanjá, mas também para acenderem velas, fazerem despachos e oferendas como pode ser observado nas imagens (2, 3 e 4) abaixo, feitas nas saídas de campo.



Figura 2 - Oferendas dispostas próximas ao pedestal do Orixá Exu. Fonte: Bianca Matos, 2020.



Figura 3 – Oferendas feita a Orixá Iemanjá no dia 2 de fevereiro Fonte: Bianca Matos, 2020.



Imagem 4 – Festa destinada a Iemanjá no dia 2 de fevereiro. Fonte: Bianca Matos, 2020.

A praça torna-se significativa porque nesse espaço são resgatadas as tradições de origem africana que permanecem nos filhos de santo que as colocam em prática e não deixam que desapareçam. Isso pode ser observado na seguinte fala de uma entrevistada E21 do Candomblé:

A praça dos Orixás é um território ancestral. O espaço deve ser mantido vivo pois é um espaço representativo no ponto de vista simbólico porque não são só imagens de Orixás, ela representa uma história transatlântica [...]. (E21)

A existência de raízes africanas nessa praça foi relatada por um estrangeiro advindo do país africano Benin que estava no dia da festa destinada a Iemanjá e Oxum, como ele (E28) relata na seguinte fala:

Bom, primeiro eu sou de Benin, sou estrangeiro e estou no Brasil há mais ou menos sete anos. Eu pertencço a religião chamada Vodun que é a religião tradicional africana, mas, dentro dela, da religião, tem umas ramificações, não tem como você cultuar a religião em si, mas tem ramificações sendo lá em Benin, aqui já é um pouco diferente, a minha ramificação dentro do Vodun é o tronco petro, é uma ramificação bem específica aos povos africanos, povos da costa de Minas, Benin, Togo e Gana, aí eu sou adepto do tronco Petrorikar. (E28)

É possível notar a existência de conexões, semelhanças entre as religiões afro-brasileiras com as religiões existentes nos países africanos feitas por este entrevistado E28 ao relatar o seguinte:

Olha primeiramente eu me sinto em casa porque eu percebo que os meus que saíram de lá também passam por aqui e deixaram uma marca no Brasil, deixaram uma marca aqui e a representação é essa que estamos vendo dos Orixás, de vários negros celebrando esse dia, rememorando a história, rememorando os seus antepassados então eu me sinto muito feliz de estar aqui hoje, é um ambiente muito agradável com manifestações, eu me sinto muito feliz de estar participando disso.

Eu acho que nesse clima atual do Brasil onde a religião afro-brasileira dos africanos aqui no Brasil está desaparecendo essa praça representa muito para quem é adepto dessas religiões porque permite as pessoas relembrem de onde vem, entendeu, a questão da identidade é algo muito importante, permite aos afros relembrem do lugar que vieram, pois essas culturas representam os ancestrais deles, então além de ter uma característica religiosa também tem uma característica de representatividade em relação a ancestralidade, faz as pessoas perceberem que em algum momento da vida eles tiveram pessoas que tiveram um impacto muito forte na sociedade tanto lá quanto aqui. Bom, falando aos afros que ainda não estão ligados a meu ver deveriam procurar se ligar a essa praça e aos Orixás que não somente representam a religião mas também a ancestralidade, a identidade e a estória deles entendeu, pois, nós percebemos que antigamente os Orixás não eram somente tratados como espíritos, eram também primeiramente pessoas que lutaram pela liberdade, lutaram por algo, tiveram objetivos e chegaram a esse nível, a esse grau de espiritualidade como hoje em dia temos na religião católica, pessoas que tiveram grande impacto na religião se tornam espíritos, é a mesma coisa entendeu, então não representam só a religião mas também a ancestralidade, é isso. (E28)

Dentre diversos relatos de brasileiros pertencentes as religiões afro-brasileiras a consciência da conexão entre Brasil e África também esteve presente como pode-se observar a seguir através das seguintes afirmações dos entrevistados E14 e E21:

Essa praça representa não só as religiões afro-brasileiras, mas também a cultura negra, aqui em Brasília a presença dela é ainda mais significativa já que temos uma descendência étnica muito ligada a África. (E14)

A praça dos Orixás é um território ancestral. O espaço deve ser mantido vivo pois é um espaço representativo no ponto de vista simbólico porque não são só imagens de Orixás, ela representa uma história transatlântica. (E21)

Portanto, a presença da praça dos Orixás é significativa como reafirmação da história dos antepassados afro-brasileiros e também como uma marca de liberdade de expressão que demorou séculos a ser conquistada, estar em contato com a praça só auxilia para que as pessoas não se esqueçam de suas origens.

Com base na análise das entrevistas verifica-se que a praça se configura em um ambiente de bem-estar, conexão com os Orixás e elevação do indivíduo. Ou seja, um espaço onde se manifesta o sagrado em que é possível reviver experiências ancestrais e conseguir a espiritualidade necessária para se sentir forte e capaz. Muitos desses sentimentos foram explicitados como é possível ver a seguir nas entrevistas E14, E17 e E26:

Paz, gratidão, força, tranquilidade e energia positiva. Viemos buscar força para seguir em frente e agradecer o ano que passou. (E14)

Sempre que venho aqui o meu sentimento é de paz. A água traz uma força, eu me sinto revigorado sempre que venho aqui. (E17)

[...] a sensação que eu tenho é como se a minha fé se materializasse, eu me sinto mais próxima efetivamente dos Orixás, eu tenho uma paz muito grande quando estou aqui, independente se tem muito movimento ou não, eu me sinto bem e me sinto mais próxima deles aqui e efetivamente me emociono toda vez que venho toda vez que falo porque sinto que a presença deles é muito forte aqui. (E26)

Para a geógrafa Rosendahl (1994 apud FRANGELLI, 2012, p. 54)

[...] entre os homens existe um conjunto de crenças e práticas que persistem ao longo do tempo e que possuem uma natureza mística ou religiosa fortemente atribuída a objetos consagrados e espacialmente delimitados, tanto em sua forma, no sentido de extensão, como em sua fixação, no sentido de estarem em um lócus.

Nesse trabalho nota-se esse princípio ao verificarmos que as crenças cultuadas pelas religiões afro-brasileiras pelos fiéis iniciaram em 1976, segundo o relato do entrevistado E29 verificado abaixo, e permanecem atravessando o tempo, reforçadas pela remodelação do espaço através da fixação das dezesseis estátuas dos Orixás, objetos consagrados, que demarcam espacialmente o local. A presença das estátuas e de fenômenos naturais considerados significativos e de grande importância para essas religiões como as árvores e o lago Paranoá, afiguram uma sacralidade a praça.

A três gerações cuidamos da praça, meu avô e meu pai cuidaram antes de mim e hoje está sob minha responsabilidade, a praça inicialmente não se localizava aqui, nós a trouxemos para cá no ano de 1976 e em 2000 virou a Praça dos Orixás.

4.2 ESPAÇO SAGRADO VIOLADO (UM OLHAR AFRO-BRASILEIRO: A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA)

Diante de todas as questões apresentadas no tópico anterior, chega-se a conclusão de que a praça dos Orixás é um espaço sagrado para as religiões afro-brasileiras em Brasília de extrema importância e de grande significado para a cultura africana. Porém, levando em consideração as entrevistas (E6, E4 e E16) realizadas, logo abaixo, evidencia-se muitas situações que colocam em risco a preservação e manutenção da praça, prejudicam sua infraestrutura e ocasionam sentimentos de insegurança. Muitos são os relatos sobre isso, os sentimentos bons se misturam aos ruins em decorrência das depredações

Alegria e também tristeza porque é muito depredada. Fico triste, sei que não é culpa somente do governo, mas também de pessoas de má fé, que não respeitam as religiões. Essas pessoas destroem, não pensam que aqui é um lugar sagrado para nós. É muito importante, o governo tem que se atentar porque as pessoas que não são das religiões afro depredam, é um descaso do jeito que ela está. Muitas pessoas das religiões afro-brasileiras frequentam, por isso é necessário se preservar. (E6)

Deveria ser melhor cuidada porque as pessoas quebram as coisas, destroem tudo, está presente uma intolerância religiosa. (E4)

Falta de respeito. Precisa de um zelador para não deixar cortar as árvores, pintar as estátuas porque são gente como nós, merecem respeito. O que vale é a fé, é preciso manter o local limpo e preservado para que os rituais e trabalhos sejam feitos. (E16)

Além das depredações através das entrevistas observa-se um sentimento de insegurança por parte dos fiéis como relataram alguns religiosos que frequentavam o local nos dias das visitas. Eles revelaram que mesmo após quatro meses da depredação de algumas estátuas locais apenas uma roupa havia sido colocada sobre um dos símbolos religiosos, sem restaurações ou medidas mais eficazes, ou seja, ato de desrespeito que configura-se como violação do espaço sagrado. Como afirma Silva (2012, p. 70), “contudo as delegacias de polícia fazem o registro de ocorrência e não classifica o ato como intolerância religiosa, esta é a expressão do preconceito em relação ao outro que é diferente”. É possível notar por meio dos relatos (E5, E1 e E3) a seguir essa situação:

Muitas estátuas foram depredadas já aqui, a delegacia faz o boletim de ocorrência, mas infelizmente não dá continuidade as investigações, fica por isso mesmo. (E5)

Deveria ter uma segurança pública mais extensa e constante. (E1)

Também é preciso mais segurança porque muitas pessoas vêm e destroem as estátuas dos Orixás, isso é um desrespeito a crença, um desrespeito com o lado espiritual. (E3)

Se tratando de questões culturais africanas não se limita somente a intolerância religiosa pois, esses pontos se estendem a outro patamar que seria o racismo. O racismo para Flor do Nascimento (2017, p. 54) existe no âmbito das religiões afro-brasileiras porque nestas se cultua aspectos originais dos povos africanos que foram submetidos a condições degradantes na colonização e por essas situações foram subjugados. Esse autor traz uma reflexão muito pertinente, considerando isso, ao vincular o racismo a intolerância religiosa. Por essas religiões não serem cristãs e não seguirem princípios europeus no Brasil desde o período colonial foram alvos da

intolerância e conseqüentemente do racismo.

Nota-se que este espaço sagrado passa constantemente por violações desencadeadas pela intolerância religiosa como muitos entrevistados E28, E14 e E15 discorrem nos exemplos abaixo:

Tem muitas estátuas danificadas, a conservação das representações dos Orixás precisa melhorar pela importância que tem. (E28)

Muitos vem somente para curtir e não vê o espaço como sagrado, por isso a intolerância está presente, um exemplo foi atearem fogo em Oxalá [...]. (E14)

[...] A segurança e vigilância, principalmente à noite, deveria ser melhor durante todo o ano e não só no final porque no decorrer do ano as pessoas também vêm fazer as suas oferendas então o cuidado deveria existir sempre. (E15)

A intolerância é um ato que demonstra a não aceitação da religião e o direito a liberdade do outro. A preservação da Praça dos Orixás e o preconceito contra as religiões afro-brasileiras são desafios que precisam ser refletidos, debatidos, reduzidos e combatidos. A questão da demonização dessas religiões pela falta de conhecimento pode se configurar como um dos fatores a serem considerados para superação desta ideia, como foi possível evidenciar por meio da fala do entrevistado E19 que afirma o seguinte:

São diferentes formas de sagrado. Antes eu era coberto de preconceito, mas desde o momento que desejei conhecer as religiões afro percebi que o sagrado existe dentro dessas religiões, o amor, as energias boas, o que existe são pessoas ruins em todas as religiões, mas também pessoas boas. Para mim, foi necessário se ter essa conexão concreta que encontrei nas religiões afro, eu vejo o poder das divindades se manifestando. A importância dos deuses, a relação deles com a natureza fica evidente aqui, fazemos oferendas usando o lago Paranoá e as árvores, a natureza deve ser melhor preservada porque ela representa a força. As pessoas brincam de mais com a natureza, a terra é de Omolu, Nanã tudo aquilo que vem de impureza ela transforma em coisas boas. Os Orixás são a força pura e selvagem da natureza, é preciso ser grato e preservar esse ambiente voltado não só para as religiões afro, mas para todas. Estamos sempre aprendendo, trocando energias aqui na praça. Não se pode ter um olhar fixo é preciso ampliar os horizontes. É necessário construir uma identidade usando todas as ideias construtivas, a religião é uma forma de aprender para a própria vida. A religião de matriz africana é uma religião de resistência, mas, ela é tão mal compreendida, há tanta intolerância. (E19)

Também deve ser colocado em prática o fortalecimento de políticas públicas e do cumprimento da legislação que estimulem e garantam a diversidade étnica e cultural. Precisamos avançar e efetivar o cumprimento da legislação para além das informações teóricas, além de garantir não só a instituição e o reconhecimento das práticas e locais associados à memória e a identidade afro-brasileira como também

garantir a segurança, a preservação e a conservação desses locais.

As comunidades afro-brasileiras também podem ser estimuladas e mobilizadas no processo de preservação da praça. Neste sentido, com o apoio do Poder Público, uma maior divulgação, segurança e fomento de atividades, práticas e expressões dessas comunidades no local.

O combate ao preconceito, as depredações e pichações na Praça dos Orixás, também deve ser construído por meio do fortalecimento de práticas educativas e culturais que estimulem o respeito a cultura afro-brasileira e demais grupos étnicos raciais. A promoção de saídas de campo das escolas com os jovens aos diversos espaços de fé e as discussões e debates relativos a essa diversidade são desafios que precisam ser enfrentados para redução do imaginário preconceituoso e das práticas a ele associadas. Pode-se verificar essas sugestões nas falas de muitos frequentadores, como por exemplo, os entrevistados E19, E27 e E14 que se seguem:

O que é desconhecido é marginalizado por isso seria fundamental termos um local em que fosse possível conhecer mais as religiões, aprofundar os conhecimentos. Aqui poderia ter feiras de ações afro feitas pela própria comunidade, restaurantes fixos com uma culinária voltada para uma raiz africana, um lugar em que pequenos expositores pudessem ter um trabalho. Deveria ter passeios turísticos religiosos para aproveitar melhor o espaço, o turismo poder ser muito mais eficiente, mas primeiramente temos que nos atentar aos resíduos sólidos porque fica muito lixo jogado no lago, materiais que não se decompõem rapidamente. Também deveria ter investimento na criação de um site bem feito porque nos dias de hoje esse meio auxilia a difundir esse mundo, não precisa colocar as práticas feitas que são secretas, somente aspectos culturais. As pessoas deveriam fazer mais cobranças considerando as leis dos homens e pedindo que a justiça dos Orixás prevaleça a nosso favor porque o coletivo é mais forte. (E19)

Essa praça tem que ser preservada, mas, além da preservação precisa-se agregar movimento a ela. Eu tenho certeza de que este é um espaço que deveria pelo menos de quinze em quinze dias reunir as pessoas tanto das religiões de matriz africana quanto qualquer outra religião e qualquer outra pessoa que se sinta a vontade de estar nesse meio porque nós estamos na beira do lago com uma energia incrível devido a presença dos Orixás, então é necessário ocupar e utilizá-la. (E27)

Somente em dias festivos ela é mais habitada e também nos dias de Orixás, mas, fora esses dias não se vê muita gente. Isso deve ser mudado, é necessário aproveitar o espaço durante todo o ano por meio de projetos com crianças para mostrar a cultura negra, uma praça dessas tem que ter capoeira e investimento turístico, é um patrimônio, isso daria mais visibilidade a praça e ela seria melhor aproveitada. Na Bahia tem o Dique de Tororó que é usado para turismo, mas, lá é fechado, aqui o pessoal pega as oferendas, o governo tem que tirar os moradores de rua e destiná-los para outro local e dá assistência para que tenham melhores condições. (E14)

Diante de tudo que foi explanado, foi possível perceber que a praça tem muito potencial para se tornar um espaço representativo para a cultura afro-brasileira na

capital federal e os religiosos prezam por isso como pode ser bem visualizado nas falas acima, eles sabem bem o que deveria ser feito e como deveria ser a organização, apresentaram diversas ideias muito construtivas para valorização e divulgação da praça para que essa situação em que se encontra possa ser modificada para uma melhor, onde o respeito prevaleça de forma abrangente. Os religiosos pertencentes as religiões afro E20, E23, E22, E24 e E27 que frequentam também apontam muitas questões que viabilizam a utilização da praça de uma maneira mais efetiva e apropriativa e não somente em alguns poucos dias no ano, como é observado nas falas abaixo:

Acesso complicado por falta de ônibus, não tem banheiros fixos, esses banheiros móveis e os seguranças só estão aqui agora em decorrência da festa. A segurança é importante não só agora nas festividades, mas sim durante todo o ano para que não haja vandalismos e a quebra das estátuas. (E20)

Mais atividades para trazer a população e uma manutenção melhor. É um lugar legal, bonito e que poderia ser mais aproveitado. (E23)

Acho que poderia ser mais limpa e bem cuidada. A comunidade deveria olhar mais, usufruir. (E22)

Infraestrutura, depredação, poderia ter bancos, banheiros, bebedouros e uma segurança melhor com guardas, por exemplo. Não tem o essencial, é uma falta de respeito com as pessoas que frequentam. (E24)

Questão de comércio, ter sanitários, banheiros, praça de alimentação que aqui não tem a não ser quando tem esses eventos no fim de ano ou hoje dia dois de fevereiro que nossos irmãos veem com as suas barracas né, eu acho que de fato deveria ter um restaurante e um bar funcionando de verdade. Precisa dar uma organizada nisso. (E27)

Nas falas de um representante da Federação de Umbanda e Candomblé (E29) ele deixa bem explícito todas as infraestruturas pertinentes para revitalização, conforme se segue:

No decorrer do tempo, desde a sua criação, fomos conseguindo melhorias. Temos a manutenção do que já tem, agora no início do ano pintaremos as estátuas e lixeiras, esse será um ponta pé da revitalização que estamos propondo em projetos que montamos para melhoria da praça, os projetos já estão prontos só falta agora o governador aprovar. A inauguração com a nova infraestrutura proposta acontecerá no final do ano que vem se tudo der certo e o governador liberar. A praça é rota turística de Brasília, temos um vínculo com a empresa Catedral Turismo, mas pela falta de uma infraestrutura apropriada não é possível, nem banheiros temos. Para a revitalização temos em mente uma arena fixa para apresentações, uma feira, restaurantes, bebedouros e banheiros. Com a reforma o objetivo é fazer shows com apresentações de terreiro todos os finais de semana. Também pretendemos disponibilizar um guia turístico pertencente a federação para falar sobre os Orixás porque um guia da empresa Catedral Turismo não vai saber explicar. (E29)

Algo a se notar diante desses relatos acima foi que a manutenção não se restringe somente a Federação de Umbanda e Candomblé as modificações que a praça necessita, mas, também do apoio do governo com as verbas. É fundamental essa conexão entre as duas partes para que seja realizada uma estrutura conveniente as pessoas que frequentam e estas possam se apropriar da praça.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou analisar as percepções da Praça dos Orixás por parte dos fiéis das religiões afro-brasileiras. Foi possível notar que a área representa para estes um espaço sagrado de reconexão ancestral que contribui para reafirmação das origens africanas. Portanto, se constitui como um espaço de resistência, ou seja, que não cedeu, nem sucumbiu, permitindo na capital federal o fortalecimento e visualização de práticas afro-brasileiras que poderiam ser perdidas caso não fosse a determinação de pais e mães de santo que as reconstituem. O local possui, segundo estes, grande espiritualidade por ser bem arborizado, ter a presença das estátuas dos Orixás e também do Lago Paranoá, isso possibilita a realização de grandes comemorações como a festa destinada a Iemanjá, mas também visitas para fazer oferendas. Dentre as percepções também surgiu muitas ideias para revitalização da praça em relação a infraestrutura básica como banheiros, bebedouros, palcos para shows voltados a cultura afro e uma segurança mais efetiva, mas, houveram proposições em relação a dar mais vida ao local por meio de feiras permanentes que disponibilizassem uma culinária e artesanatos voltados a cultura negra. Mesmo com tanto potencial a Praça dos Orixás ainda é alvo da intolerância religiosa que ocorre através de depredações das estátuas, pixações e também pouca verba destinada pelo governo para manutenção, o que muitas vezes fica sob responsabilidade somente da Federação de Umbanda e Candomblé que procura fazer o máximo possível para manter o local.

Neste sentido, considera-se importante ampliar a participação da comunidade na preservação local, fortalecer a segurança na praça, estimular práticas educativas e culturais que favoreçam o reconhecimento da diversidade social brasileira etc, que poderão ajudar a reduzir os atos de vandalismo na praça e mesmo contra as religiões de matriz afro-brasileira.

A presente pesquisa foi construída a partir das reflexões teóricas e metodológicas de uma área de pesquisa importante para a ciência geográfica: a Geografia da Religião. Este conhecimento permite a compreensão da espacialização dos fenômenos religiosos. Estas instituições, práticas, experiências e manifestações marcam a paisagem e o espaço geográfico, além de dar sentido à vida humana e estimular ações e práticas humanas que ajudam a organizar o espaço geográfico.

Espero ter contribuído por meio das reflexões deste presente trabalho com a ampliação do debate acerca da necessidade de garantir o respeito e a liberdade de expressão para toda e qualquer religião sem nenhuma distinção, desde que essa liberdade não ameace a segurança e a integridade de diferentes religiosos de outras crenças ou descrenças, seja na Praça dos Orixás ou em qualquer outro espaço religioso.

A partir desta pesquisa, considerando os princípios fenomenológicos que destaca o subjetivo, é possível se conhecer o espaço da Praça dos Orixás através do olhar dos religiosos e identificar o que demandam, possibilitando assim suprir as necessidades através deste olhar e identificar o que demandam, possibilitando assim suprir as necessidades através de um planejamento no caso de políticas públicas efetivas para essa comunidade. Muitos fiéis reclamam da insegurança, do preconceito, das depredações e das pichações entre outros atos de vandalismo e aversão às religiões afro-brasileiras que ameaçam estes e a preservação local; estudos como estes tentam trazer as vozes desses religiosos permitindo se conhecer as lições e questões que a cultura afro preserva e com isso diminuir, mesmo que pouco, o preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, R. **A África brasileira: população e territorialidade**. CIGA, Brasília, n. 1, 1-29, 2010. DOI: Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/23808>>. Acesso em: jan. 2021.

ANJOS, R. **Cartografia da Diáspora África – Brasil**. Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 261-274, out. 2011. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/viewFile/6570/3570>>. Acesso em: mar. 2020.

BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território**. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). Geografia cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BONFIN, E; GREGÓRIO, S; MACIEL, J. E-FACEQ: **Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**, ISSN 2238-8605, Ano 6, n. 10, agosto de 2017. Disponível em: <uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171030120022.pdf>. Acesso em: maio de 2020.

BRASIL. Código Penal. **Lei n 7716, de janeiro de 1989**. Institui o código Civil. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716compilado.htm>. Acesso em: jul. 2019.

CHAGAS, W. **A diáspora africana e a resistência dos tambores: elementos da sociedade lorubá presente nas religiões afro-brasileiras**. *MOUSEION, Canoas*, n. 36, ago. 2020, p. 15-24. ISSN 19817207. DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/mouseion.v0i36.7205>. Disponível em: <revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/7205>. Acesso em: out. 2020.

COSTA; NASCIMENTO. **Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões**. Geografia, Ensino & Pesquisa, Santa Maria – RS, Vol. 20, n.3, p. 43-50, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/download/20152/pdf>>. Acesso em: mar. 2020.

Dois Terreiros de candomblé são incendiados no entorno do DF. Correio Braziliense, 2015. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/09/12/interna_cidadesdf,498369/dois-terreiros-de-religoes-afros-sao-incendiados-no-entorno-no-df.shtml>. Acesso em: 1 out. 2020.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Disponível em: <<https://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%200%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>>. Acesso em: mar. 2020.

FELLIPE, J. **Cartografias valorativas de Sabará – MG a essencialidade da cidade patrimonial metropolizada**. 2016. Dissertação (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília-DF. 2016.

Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/23269>>. Acesso em: jan. de 2021.

FERNANDES, Nathália Vince Esgalha. **A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana.** In: Revista Calundu – vol. 1, n.1, p. 117-132, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322382672_A_raiz_do_pensamento_colonial_na_intolerancia_religiosa_contra_religioes_de_matriz_africana>. Acesso em: mar. 2020.

FILHO, J. C. A. S; SANTOS, M.S. **O neopentecostalismo e a intolerância religiosa praticada contra as religiões afro-brasileiras.** UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória - ES, v. 5, n.2, Ago-Dez., 2017. Disponível em: <<http://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/viewFile/576/497>>. Acesso em: mar. 2020.

FILHO, S; PEREIRA, C. **Geografia da religião, espaço sagrado e pentecostalismo: análise de uma espacialidade pentecostal.** RELEGENS THRÉSKEIA: estudos e pesquisa em religião V. 01 – n. 02 – 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/31085>>. Acesso em: dez. 2021.

FILHO, S; SILVA, A. **Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil.** REVER, São Paulo, v. 1, p. 73-91, 2009. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/t_silva.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

FRANGELLI, P. **A Geografia da Religião no Brasil: intelectuais pioneiros, propostas e metodologias de estudo.** Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 31, p. 40-65, jan./jun. 2012. Disponível em: <[e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6122](http://publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6122)>. Acesso em: dez. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUSSERL, E. **A Ideia da Fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 1986. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B1USHcqEToNQQnEwbDk1RIFBcHc/edit>>. Acesso em: maio. 2020.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **O fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas.** In: Revista Eixo – Brasília – DF, v.6, n. 2, p. 51-56, 2017. Disponível em: <<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/download/515/279/>>. Acesso em: mar. 2020.

PEREIRA, Clevisson Junior. **Geografia da religião: um olhar panorâmico.** RA'EGA, Curitiba-PR, n.27, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/30414>>. Acesso em: out. 2020.

PRANDI, R. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião.** Revista

USP, São Paulo, n. 46, p. 52-65, junho/agosto 2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i46p52-65>. Disponível em: <revistas.usp.br/revusp/article/view/32879>. Acesso em: out. 2020.

PRANDI, R. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998. Disponível em: <scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0151.pdf>. Acesso em: nov. 2020.

PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?**. BBC News Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_htm>. Acesso em: 30 set. 2020.

GOMES, F; REIS, J. **Introdução: uma história da liberdade**. REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (Org.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GUIMARÃES, C. M. **Mineração, quilombos em Minas Gerais no século XVIII**. REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (Org.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RAMOS, D. **O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais no século XVIII**. In: REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (Org.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Retratos: a revista do IBGE. **Somos todos iguais? O que dizem as estatísticas**. Rio de Janeiro, N.11, maio de 2018. Disponível em: <agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf>. Acesso em: nov. 2020.

REIS, M. **África e Brasil: aspectos históricos e culturais da religiosidade afrodescendente no Planalto Central**. In. Superintendência do IPHAN no Distrito Federal. Inventário Nacional de Referências Culturais Terreiros do Distrito Federal e entorno. Brasília, 2012. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/uploads/publicação/inventario_entorno.pdf>. Acesso em: fev. 2020.

REVER. **Editorial - REVER junho, ano 9, 2009**. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/editorial.htm>. Acesso em: abril de 2020.

RIOS, Alan. **Religiões de matriz africana são alvos de 59% dos crimes de intolerância**. Correio Braziliense, 2019. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/11/11/interna_cidad_esdf,805394/religioes-de-matriz-africana-alvos-de-59-dos-crimes-de-intolerancia.shtml>. Acesso em: 30 set. 2020.

ROCHA, L. **Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico**. Revista da Casa da Geografia de Sobral,

Sobral, Sobral, v.4/5, p. 67-79, 2002/2003. Disponível em:
<<https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/79>>. Acesso em: mar. 2020.

ROSENDAHL, Z. **Geografia e religião**. Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre, N°20, p.3-192, DEZEMBRO de 1995. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/download/38184/24567>>. Acesso em: mar. 2020.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

ROSENDAHL, Z. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/wy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015-05.pdf>>. Acesso em: mar. 2020.

ROSENDAHL, Z. **Geografia da religião: uma proposição temática**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 11, pp.9-19, 2002. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123638>>. Acesso em: mar. 2020.

ROSENDAHL, Z. **Espaço, cultura e religião: dimensões de análise**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, A. **Introdução à Geografia das Religiões**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 11, p. 21-33, 2002. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/download/123639/119854/232668>>. Acesso em: mar. 2020.

SANTOS, J. **Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida**. In: MACEDO, J. (Orgs.). Desvendando a história da África. 1 ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2008.

SANTOS, W. **História, cultura e intolerância acerca das religiões de matrizes africanas no Brasil**. Revista Calundu – vol. 2, n. 1, jan-jun 2018. Disponível em:
<<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/9542>>. Acesso em: mar. 2020.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS (SDH). **Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 – 2015): resultados preliminares**. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; organização Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad. – Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016. Disponível em:
<direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioIntoleranciaViolenciaReligiosaBrasil.pdf (mppr.mp.br)>. Acesso em: out. 2020.

SILVA, B. **A intolerância religiosa e o racismo religioso no cenário brasileiro: A contribuição da ética mundial para a abordagem das religiões de matrizes africanas na escola**. Revista de Estudos sobre o Jesus Histórico e sua Recepção, S.I., v. XIII: 24 (2020), p. 61-77. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/novos.htm>>. Acesso em: mai de 2020.

SILVA, G; SILVA, V. **Quilombos brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil**. Revista Mosaico, v. 7, n. 2, p. 191-200, jul./dez. 2014. Disponível em:<seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/4120/2352>. Acesso em: nov. 2020.

SILVA, R. D. **Geografia da religião: uma contribuição através das práticas espaciais de intolerância religiosa na urbanidade carioca**. Revista Magistro, S.I., v. 1, 2012, p. 67-78.
Disponível em:<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1411>>. Acesso em: mar de 2020.

ANEXOS

ANEXOS “A” – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA: PRAÇA DOS ORIXÁS - DF

- 1) A qual religião você pertence?
- 2) Com qual frequência você vem a Praça dos Orixás?
- 3) O que é a Praça dos Orixás para você?
- 4) O que você sente quando está aqui na praça?
- 5) Quais são os principais problemas existentes na praça?

ANEXOS “B” – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTAS REALIZADAS NO DIA 30 DE DEZEMBRO DE 2019

Entrevista 1:

- 1) Umbanda.
- 2) “Só na festa de final de ano.”
- 3) “Um espaço importante porque aqui em Brasília é o único lugar onde podemos aproveitar a presença do lago Paranoá para fazermos as oferendas. Você vê católico aqui também, não são só as pessoas do Candomblé e da Umbanda que frequentam.”
- 4) Sem ser no período das festas esse espaço fica abandonado, muitas das vezes quando fazemos as oferendas os moradores de rua que vivem aqui comem e bebem tudo que é colocado, desmontam as oferendas. No decorrer do ano é perigoso, isolado, dá medo, quase não se vê ninguém além dos moradores de rua.”
- 5) “Deveria ter uma segurança pública mais extensa e constante.”

Entrevista 2:

- 1) Umbanda.
- 2) “Eu sou umbandista e frequento toda semana.”
- 3) “Um lugar importante porque todas as religiões tem seus sincretismos e simbologias, é fundamental que se respeite. Eu gosto mais de fazer minhas oferendas na beira do mar quando vou a Salvador, mas, gosto dessa praça também porque aqui só temos ela com a presença da água.”
- 4) “Sinto paz, tem muitos moradores de rua mas não sinto medo porque é preciso olhar para eles como pessoas. Tudo bem que eles me pedem dinheiro quando venho aqui, mas quando digo que não tenho eles não me perturbam.”
- 5) “Deve ser cuidada já que está aqui. A manutenção deveria existir, tem que ser cuidada durante todo o ano e não só no final, no *reveillon*.”

Entrevista 3:

- 1) Umbanda.
- 2) “Uma vez só por ano.”
- 3) “O único lugar que tem para fazermos as oferendas já que não temos praia.”
- 4) “Que nós não estamos sozinhos, as entidades cuidam das pessoas que estão aqui.”
- 5) “Precisa de infraestrutura porque nem bebedouro tem, e isso é algo essencial. Também é preciso mais segurança porque muitas pessoas vêm e destroem as estátuas dos Orixás, isso é um desrespeito a crença, um desrespeito com o lado espiritual. E isso ocorre também em locais destinados a religião católica, não é só aqui.”

Entrevista 4:

- 1) Umbanda.
- 2) “Frequento sempre, durante quarenta anos.”
- 3) “Um espaço feito para o sentir o espiritualismo.”
- 4) “Energias positivas, mas também muita falta de respeito.”
- 5) “Deveria ser melhor cuidada porque as pessoas quebram as coisas, destroem tudo, está presente uma intolerância religiosa.”

Entrevista 5:

- 1) “Candomblé.”
- 2) “Eu sou da federação de Umbanda e Candomblé, por isso estou sempre na praça.”
- 3) “Um espaço de suma importância para todos nós e também para os turistas. Aqui todos os meses passam de cem a duzentos turistas.”
- 4) “Energia boa, positiva, mas quando vemos a situação dá uma tristeza grande porque é possível observar um descaso dos governantes.”
- 5) “Muitas estátuas foram depredadas já aqui, a delegacia faz o boletim de ocorrência, mas infelizmente não dá continuidade as investigações, fica por isso mesmo.”

Entrevista 6:

- 1) “Umbanda.”
- 2) “Desde 1984 eu frequento a praça várias vezes durante o ano.”
- 3) “Um espaço para a cultura negra. A cultura negra é minha praia. Ela é fundamental, eu defendo mesmo fora daqui dessa praça, sou cantor e compositor e minhas canções refletem essa minha crença. Vai fazer cinquenta anos que presto serviço ao samba cantando músicas sobre os Orixás e a cultura negra, eu vim comemorar isso aqui na Praça dos Orixás, essa cultura é minha vida e por isso considero esse lugar importante

e também muito sagrado.”

4) “Alegria e também tristeza porque é muito depredada. Fico triste, sei que não é culpa somente do governo, mas também de pessoas de má fé, que não respeitam as religiões. Essas pessoas destroem, não pensam que aqui é um lugar sagrado para os espíritos. É muito importante, o governo tem que se atentar porque as pessoas que não são das religiões afro depredam, é um descaso do jeito que ela está. Muitas pessoas das religiões afro-brasileiras frequentam, por isso é necessário se preservar.”

5) Não há investimentos em infraestruturas básicas como bebedouros e banheiros e ainda destroem o pouco que temos, quebram as estátuas dos Orixás.”

Entrevista 7:

1) “Frequento terreiros de candomblé e umbanda, mas não faço parte cumprindo deveres em nenhum deles, apenas vou receber passes, por exemplo.”

2) “Venho várias vezes ao ano.”

3) “Considero um espaço sagrado, de fé, crença, doação, troca, de reverenciar cada uma das entidades aqui presentes. É uma referência da composição étnica brasileira.”

4) “Sentimento de proteção, de cura ampla das emoções, do corpo e das relações humanas.”

5) “A intolerância religiosa é absolutamente visível porque já depredaram várias estátuas.”

Entrevista 8:

1) “Umbanda.”

2) “Só uma vez por ano.”

3) “Um dos únicos lugares que podemos expressar nossa crença até porque aqui não tem praia. Cada um tem sua crença e deve ter o direito de expressá-la, porque seria diferente no caso dos religiosos da umbanda e do candomblé.”

4) “Muita paz e uma harmonia muito grande.”

5) “Não é bem cuidada, é muito esquecida durante o ano, é mais lembrada agora.”

Entrevista 9:

1) “Candomblé.”

2) “Sempre que posso.”

3) “É um lugar para saudar os Orixás. E também é o único lugar que temos próximo a água onde é possível fazermos as oferendas.”

4) “Meus sentimentos quando estou nessa praça é de gratidão e amor a religião.”

5) “Nota-se que foram feitas algumas melhorias ao longo dos anos, mas, ainda falta

muito, é preciso cuidar dessa praça porque é o único lugar que todas as religiões afro-brasileiras têm aqui em Brasília.”

ENTREVISTAS REALIZADAS NO DIA 31 DE DEZEMBRO DE 2019

Entrevista 10:

- 1) “Umbanda.”
- 2) “Final de ano e sempre que precise fazer algum trabalho que não possa se fazer dentro de casa.”
- 3) “É um local que traz a questão da raiz africana e também é um ponto turístico. É extremamente importante para as religiões do candomblé, jurema, umbanda e Ifá terem um lugar em comum.”
- 4) “Tranquilidade, pertencimento e liberdade, porque posso realizar tudo que preciso e ninguém perturba.”
- 5) “Falta de transporte público ao local, de estacionamento para carros, principalmente no dia 31 de dezembro, iluminação precária a noite, pouca segurança tanto para visitantes quanto para as estátuas já que muitas aqui já foram quebradas.”

Entrevista 11:

- 1) “Candomblé.”
- 2) “Tenho dez anos que não venho, mas esse ano estou retornando e vou ficar o dia todo.”
- 3) “Essa praça é um patrimônio afro e muitas pessoas visitam.”
- 4) “Alegria e paz.”
- 5) “Está faltando vigilância porque estão depredando as estátuas. Está ocorrendo vandalismos inaceitáveis, a fiscalização deveria ser rígida.”

Entrevista 12:

- 1) “Candomblé.”
- 2) “No final de ano e na festa de Iemanjá.”
- 3) “Essa praça faz parte da cultura de Brasília, todos os que são das religiões afro tem um cantinho.”
- 4) “Tantos sentimentos, paz, tranquilidade e harmonia. A beleza da natureza é inexplicável, ao entrar na água todas as energias negativas vão embora.”
- 5) “A falta de limpeza e de preservação da natureza. As pessoas deveriam ser mais conscientes e não jogar materiais que não sejam biodegradáveis junto com as oferendas.”

Entrevista 13:

- 1) “Candomblé.”
- 2) “Primeira vez porque estou iniciando agora na religião.”
- 3) “É espaço importante pois reúne todos os povos das religiões afro brasileiras.”
- 4) “Energias boas da minha mãe lemanjá.”
- 5) “A segurança deveria ser melhor para que as estátuas dos orixás não fossem destruídas por vândalos, é necessário ter a manutenção também. Outra questão é que não temos o privilégio de deixar as rosas e as oferendas porque os moradores de rua pegam, isso o governo deveria intervir, providenciar um local de destinação para essas pessoas.”

Entrevista 14:

- 1) “Umbanda.”
- 2) “Anos atrás frequentávamos mais, porém, esse ano visitamos somente agora no final.”
- 3) “Eu acredito que tanto a umbanda quanto o candomblé sofrem muito com a intolerância e aqui torna-se um espaço em que é possível fazer tudo com mais tranquilidade. Essa praça representa não só as religiões afro-brasileiras, mas também a cultura negra, aqui em Brasília a presença dela é ainda mais significativa já que temos uma descendência étnica muito ligada a África. O lago representa a natureza, nos dá força, é preciso termos gratidão pela linda paisagem.”
- 4) “Paz, gratidão, força, tranquilidade e energia positiva. Vinhemos buscar força para seguir em frente e agradecer o ano que passou.”
- 5) “Muitos vem somente para curtir e não vê o espaço como sagrado, por isso a intolerância está presente, um exemplo foi atear fogo em Oxalá. Somente em dias festivos ela é mais habitada e também nos dias de Orixás, mas, fora esses dias não se vê muita gente. Isso deve ser mudado, é necessário aproveitar o espaço durante todo o ano por meio de projetos com crianças para mostrar a cultura negra, uma praça dessas tem que ter capoeira e investimento turístico, é um patrimônio, isso daria mais visibilidade a praça e ela seria melhor aproveitada. Na Bahia tem o Dique de Tororó que é usado para turismo, mas, lá é fechado, aqui o pessoal pega as oferendas, o governo tem que tirar os moradores de rua e destiná-los para outro local e dá assistência para que tenham melhores condições.”

Entrevista 15:

- 1) “Umbanda.”
- 2) “Somente no final de ano.”

3) “É uma representação da fé, com uma certa segurança pois quem vem aqui compartilha das mesmas crenças, somos uma comunidade.”

4) “Esperança, paz, fé mesmo. Acho que o mais forte é a esperança porque quando a gente pede, acreditamos.”

5) “Como entra muita gente e não tem como limitar isso muitos entram para depredar. A segurança e vigilância, principalmente à noite, deveria ser melhor durante todo o ano e não só no final porque no decorrer do ano as pessoas também vêm fazer as suas oferendas então o cuidado deveria existir sempre.”

Entrevista 16:

1) “Frequento terreiros de umbanda e candomblé também.”

2) “Primeira vez.”

3) “É uma praça religiosa tem que ter respeito, os frequentadores devem ajudar a cuidar da praça.”

4) “Paz e harmonia.”

5) “Falta de respeito. Precisa de um zelador para não deixar cortar as árvores, pintar as estátuas porque são gente como nós, merecem respeito. O que vale é a fé, é preciso manter o local limpo e preservado para que os rituais e trabalhos sejam feitos.”

Entrevista 17:

1) “Umbanda.”

2) “Uma vez por ano porque quando chegamos encontramos muito povo de rua, não que eles estejam errados, mas o poder público não ajuda com policiamento e quando estamos fazendo as oferendas eles ficam em cima e ficamos com medo.”

3) “Representa para nós do candomblé, umbanda e espiritismo e também para outras religiões o sagrado. A grande importância dessa praça é cultivar o sagrado de todos nós.”

4) “Sempre que venho aqui o meu sentimento é de paz. A água traz uma força, eu me sinto revigorado sempre que venho aqui.”

5) “Precisa de mais presença do poder público para ajudar a população a se apoderar da praça.”

Entrevista 18:

1) “Umbanda.”

2) “Primeira vez, moro somente a seis meses aqui em Brasília, fiquei sabendo a pouco tempo da existência dessa praça.”

3) “É um lugar importante, principalmente em uma cidade que tem dia do evangélico,

porque não teria algo direcionado as religiões afro.”

4) “Sinto-me segura.”

5) “Acesso difícil porque não tem ônibus direto para a praça e também falta lixeiras, há apenas três.”

Entrevista 19:

1) “Frequento terreiros de umbanda e candomblé.”

2) “Venho várias vezes no decorrer do ano.”

3) “São diferentes formas de sagrado. Antes eu era coberto de preconceito, mas desde o momento que desejei conhecer as religiões afro percebi que o sagrado existe dentro dessas religiões, o amor, as energias boas, o que existe são pessoas ruins em todas as religiões, mas também pessoas boas. Para mim, foi necessário se ter essa conexão concreta que encontrei nas religiões afro, eu vejo o poder das divindades se manifestando. A importância dos deuses, a relação deles com a natureza fica evidente aqui, fazemos oferendas usando o lago Paranoá e as árvores, a natureza deve ser melhor preservada porque ela representa a força. As pessoas brincam de mais com a natureza, a terra é de Omolú, Nanã tudo aquilo que vem de impureza ela transforma em coisas boas. Os Orixás são a força pura e selvagem da natureza, é preciso ser grato e preservar esse ambiente voltado não só para as religiões afro, mas para todas. Estamos sempre aprendendo, trocando energias aqui na praça. Não se pode ter um olhar fixo é preciso ampliar os horizontes. É necessário construir uma identidade usando todas as ideias construtivas, a religião é uma forma de aprender para a própria vida. A religião de matriz africana é uma religião de resistência, mas, ela é tão mal compreendida, há tanta intolerância.”

4) “Tranquilidade, harmonia, celebração das forças da natureza e alegria. É um templo ao ar livre e muitas pessoas não entendem. É um lugar onde eu posso me molhar na água e fazer as oferendas, elas significam um agradecimento aos Orixás e esperança de que um novo ser humano se erga, se torne uma pessoa melhor.”

5) “Transporte público pouco acessível, deveria ter paradas próximas pois quem não tem carro sofre para chegar aqui. O que é desconhecido é marginalizado por isso seria fundamental termos um local em que fosse possível conhecer mais as religiões, aprofundar os conhecimentos. Aqui poderia ter feiras de ações afro feitas pela própria comunidade, restaurantes fixos com uma culinária voltada para uma raiz africana, um lugar em que pequenos expositores pudessem ter um trabalho. Deveria ter passeios turísticos religiosos para aproveitar melhor o espaço, o turismo poder ser muito mais

eficiente, mas primeiramente temos que nos atentar aos resíduos sólidos porque fica muito lixo jogado no lago, materiais que não se decompõem rapidamente. Também deveria ter investimento na criação de um site bem feito porque nos dias de hoje esse meio auxilia a difundir esse mundo, não precisa colocar as práticas feitas que são secretas, somente aspectos culturais. As pessoas deveriam fazer mais cobranças considerando as leis dos homens e pedindo que a justiça dos Orixás prevaleça a nosso favor porque o coletivo é mais forte.”

Entrevista 20:

- 1) “Umbanda.”
- 2) “Algumas vezes, eu iniciei faz pouco tempo na religião.”
- 3) “Tanto a Umbanda quanto o Candomblé são patrimônios culturais, principalmente a Umbanda que é brasileira, ela reflete nosso povo, nossa cultura e por isso é de extrema importância. A Umbanda agrega vários aspectos de diferentes religiões, o significado da Umbanda é caridade, fé pautada no sentimento de doação, ajudamos quem nos procura, temos a incorporação do índio, caboclo, preto velho, atendemos a todas as religiões, sem preconceitos.”
- 4) “Paz e acolhimento que é justamente isso que a Umbanda prega, não tem distinção.”
- 5) “Acesso complicado por falta de ônibus, não tem banheiros fixos, esses banheiros móveis e os seguranças só estão aqui agora em decorrência da festa. A segurança é importante não só agora nas festividades, mas sim durante todo o ano para que não haja vandalismos e a quebra das estátuas.”

Entrevista 21:

- 1) “Candomblé.”
- 2) “Muitas vezes.”
- 3) “Representa um marco civilizatório, um legado dos povos africanos no Brasil e ter um lugar de referência que as pessoas de descendência africana possam expressar, manifestar essa ligação é importante.”
- 4) “A praça dos Orixás é um território ancestral. O espaço deve ser mantido vivo pois é um espaço representativo no ponto de vista simbólico porque não são só imagens de Orixás, ela representa uma história transatlântica, como defende a autora Beatriz Nascimento.”
- 5) “Precisa ser preservada, ter manutenção da infraestrutura e um acesso mais facilitado a praça.”

ENTREVISTAS REALIZADAS NO DIA 02 DE FEVEREIRO DE 2020

Entrevista 22:

- 1) “Umbanda.”
- 2) “Segunda vez que venho a praça.”
- 3) “É um lugar de conexão, de ligação com o divino, com a natureza. A população que pertence a umbanda e candomblé é importante por isso deveria ser mais valorizada.”
- 4) “Amor, alegria. É um sentimento muito complexo que tenho ao estar aqui.”
- 5) “Acho que poderia ser mais limpa e bem cuidada. A comunidade deveria olhar mais, usufruir.”

Entrevista 23:

- 1) “Umbanda.”
- 2) “Duas vezes ao ano.”
- 3) “Ela é um ponto de força, de conexão com a espiritualidade, um lugar de conservação da crença representada pelos Orixás da umbanda, do candomblé e também de outras religiões.”
- 4) “Paz e esperança de que um dia as pessoas possam encontrar na fé o conforto para que tenham uma vida melhor e consigam aproveitar o que o universo tem de bom.”
- 5) “Mais atividades para trazer a população e uma manutenção melhor. É um lugar legal, bonito e que poderia ser mais aproveitado.”

Entrevista 24:

- 1) “Candomblé.”
- 2) “Venho somente em eventos.”
- 3) “Essa praça é um patrimônio cultural religioso, é um lugar sagrado para cultuarmos a natureza, os Orixás, a água, representada pelo lago e as árvores.”
- 4) “Paz e tranquilidade. Para nós é sagrado.”
- 5) “Infraestrutura, depredação, poderia ter bancos, banheiros, bebedouros e uma segurança melhor com guardas, por exemplo. Não tem o essencial, é uma falta de respeito com as pessoas que frequentam.”

Entrevista 25:

- 1) “Candomblé.”
- 2) “Só em eventos.”
- 3) “Em uma sociedade em que as religiões afro-brasileiras são tão discriminadas esse

lugar torna-se essencial porque é o único espaço que o povo de terreiro vem e se sente em casa literalmente pois temos liberdade assim como as pessoas de outras religiões de professar a nossa fé. Me sinto confortável ao usar minhas vestimentas.”

4) “Sinto uma liberdade ao me expressar confortável, me identifico com as demais pessoas que estão aqui e que sente o mesmo que eu.”

5) “As pontes que separam a periferia. Muito difícil o acesso, distância de onde moro me impede de frequentar mais, a locomoção é difícil de Planaltina-DF até aqui. Infelizmente é longe das cidades satélites que é onde estão a maioria dos terreiros.”

Entrevista 26:

1) “Eu sou do Rio Grande do Sul e lá os africanistas tem uma outra ordem que chama nação Cabinda e eu pratico a nação Cabinda lá no Rio Grande do Sul o que se aproxima um pouco do Candomblé daqui do DF.”

2) “Eu moro em Brasília há mais ou menos uns seis anos e desde que eu vim para cá eu não estava na religião ainda, eu ainda não praticava a religião e eu já vinha aqui porque eu sempre tive uma devoção bastante grande a Iemanjá e quando eu entrei para a religião eu descobri que eu era filha de santo dela que a dona da minha cabeça é Iemanjá, e agora depois de quatro anos afastada de Brasília nós retornamos faz duas semanas e temos vindo frequentemente aqui e sobretudo hoje que é dia de Iemanjá né.”

3) “Eu, por exemplo, que hoje não tenho uma casa de santo no DF me identifico em vir aqui prestar as minhas homenagens, as minhas reverências, conversar com meus Orixás e a proximidade da natureza e da água faz com que a sensação de que a presença dos Orixás nessa praça é mais forte ainda.”

4) “É uma pergunta difícil porque mexe efetivamente com os sentimentos, a sensação que eu tenho é como se a minha fé se materializasse, eu me sinto mais próxima efetivamente dos Orixás, eu tenho uma paz muito grande quando estou aqui, independente se tem muito movimento ou não, eu me sinto bem e me sinto mais próxima deles aqui e efetivamente me emociono toda vez que venho toda vez que falo porque sinto que a presença deles é muito forte aqui.”

5) “Talvez se tivesse mais segurança aqui em volta, eu venho as vezes durante a semana, no horário comercial ela está sempre bastante deserta, eu tenho percebido nos últimos dias que tem bastante animais abandonados aqui talvez por causa das oferendas. Então acho que teria que ter uma preservação maior e mais segurança para os praticantes da fé e da religião.”

Entrevista 27:

- 1) “Umbanda.”
- 2) “Na maioria das vezes em eventos e quando quero ascender uma velinha.”
- 3) “O pedacinho da minha Bahia. Essa praça tem que ser preservada, mas além da preservação precisa-se agregar movimento a ela. Eu tenho certeza de que este é um espaço que deveria pelo menos de quinze em quinze dias reunir as pessoas tanto das religiões de matriz africana quanto qualquer outra religião e qualquer outra pessoa que se sintam a vontade de estar nesse meio porque nós estamos na beira do lago com uma energia incrível devido a presença dos Orixás, então é necessário ocupar e utilizá-la.”
- 4) “Que eu estou no pedacinho da minha Bahia.”
- 5) “Questão de comércio, ter sanitários, banheiros, praça de alimentação que aqui não tem a não ser quando tem esses eventos no fim de ano ou hoje dia dois de fevereiro que nossos irmãos vem com as suas barracas né, eu acho que de fato deveria ter um restaurante e um bar funcionando de verdade. Precisa dar uma organizada nisso.”

Entrevista 28:

- 1) “Bom, primeiro eu sou de Berlim, sou estrangeiro e estou no Brasil há mais ou menos sete anos. Eu pertenço a religião chamada Vodou que é a religião tradicional africana mas dentro dela, da religião, tem umas ramificações, não tem como você cultivar a religião em si mas tem ramificações sendo lá em Berlim, aqui já é um pouco diferente, a minha ramificação dentro do Vodou é o tronco petro, é uma ramificação bem específica aos povos africanos, povos da costa de Minas, Benin, Togo e Gana, aí eu sou adepto do tronco Petrorikar.”
- 2) “É a minha primeira vez aqui na praça. Bom, eu morei um tempinho aqui quando cheguei no Brasil em outros estados, já participei desse tipo de festa, mas é a primeira vez aqui em Brasília nessa festa dedicada a Iemanjá e pelo que me falaram também hoje está sendo para Oxum se não me engano. Mas, é a primeira vez em Brasília e eu gostei muito do que estou vendo, dos eventos, dos cantos, dos ritos, é algo meio diferente de onde eu venho, mas também é agradável.”
- 3) “Eu acho que nesse clima atual do Brasil onde a religião afro-brasileira dos africanos aqui no Brasil está desaparecendo essa praça representa muito para quem é adepto dessas religiões porque permite as pessoas lembrarem de onde vem, entendeu, a questão da identidade é algo muito importante, permite aos afros lembrarem do lugar que veio, pois essas culturas representam os ancestrais deles então além de ter

uma característica religiosa também tem uma característica de representatividade em relação a ancestralidade, faz as pessoas perceberem que em algum momento da vida eles tiveram pessoas que tiveram um impacto muito forte na sociedade tanto lá quanto aqui. Bom falando aos afros que ainda não estão ligados a meu ver deveriam procurar se ligar a essa praça e aos Orixás que não somente representam a religião mas também a ancestralidade, a identidade e a estória deles entendeu, pois nós percebemos que antigamente os Orixás não eram somente tratados como espíritos, eram também primeiramente pessoas que lutaram pela liberdade, lutaram por algo, tiveram objetivos e chegaram a esse nível, a esse grau de espiritualidade como hoje em dia temos na religião católica, pessoas que tiveram grande impacto na religião se tornam espíritos, é a mesma coisa entendeu, então não representam só a religião mas também a ancestralidade, é isso.”

4) “Olha primeiramente eu me sinto em casa porque eu percebo que os meus que saíram de lá também passam por aqui e deixaram uma marca no Brasil, deixaram uma marca aqui e a representação é essa que estamos vendo dos Orixás, de vários negros celebrando esse dia, rememorando a história, rememorando os seus antepassados então eu me sinto muito feliz de estar aqui hoje, é um ambiente muito agradável com manifestações, eu me sinto muito feliz de estar participando disso.”

5) “Tem muitas estátuas danificadas, a conservação das representações dos Orixás precisa melhorar pela importância que tem. Uma coisa que observei foi a falta de espaços para as pessoas sentarem e contemplarem o lago e as apresentações porque nem todas as pessoas conseguem de sentar na grama por apresentarem alguma dificuldade de mobilidade então eu acho que é importante ter outros locais de acesso como rampas. É um dia muito feliz mas as pessoas ascendem velas e ao queimarem ficam muitas manchas pretas e isso é uma questão que deveria ter uma manutenção depois porque ajuda na preservação do espaço.”

ENTREVISTA 29:

CONVERSA COM REPRESENTANTE DA FEDERAÇÃO DE UMBANDA E CANDOMBLÉ.

1) Como a Praça dos Orixás surgiu?

“A três gerações cuidamos da praça, meu avô e meu pai cuidaram antes de mim e hoje está sob minha responsabilidade, a praça inicialmente não se localizava aqui, nós a trouxemos para cá no ano de 1976 e em 2000 virou a Praça dos Orixás.”

2) Como é feita a manutenção dessa praça?

“No decorrer do tempo, desde a sua criação, fomos conseguindo melhorias. Temos a manutenção do que já tem, agora no início do ano pintaremos as estátuas e lixeiras, esse será um ponta pé da revitalização que estamos propondo em projetos que montamos para melhoria da praça, os projetos já estão prontos só falta agora o governador aprovar. A inauguração com a nova infraestrutura proposta acontecerá no final do ano que vem se tudo der certo e o governador liberar. A praça é rota turística de Brasília, temos um vínculo com a empresa Catedral Turismo, mas pela falta de uma infraestrutura apropriada não é possível, nem banheiros temos. Para a revitalização temos em mente uma arena fixa para apresentações, uma feira, restaurantes, bebedouros e banheiros. Com a reforma o objetivo é fazer shows com apresentações de terreiro todos os finais de semana. Também pretendemos disponibilizar um guia turístico pertencente a federação para falar sobre os Orixás porque um guia da empresa Catedral Turismo não vai saber explicar.”